



INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

## **Mobilização dos jovens para a preservação ambiental - o papel do Movimento Escutista**

Patrícia Alexandra Gomes de Abreu Amaro da Cruz

Mestrado em,  
Estudos Internacionais

Orientadora:  
Doutora Carla Mouro, Investigadora CIS-ISCTE e Professora Auxiliar Convidada,  
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

outubro, 2022





SOCIOLOGIA  
E POLÍTICAS PÚBLICAS

---

Departamento de História

**Mobilização dos jovens para a preservação ambiental - o papel do Movimento Escutista**

Patrícia Alexandra Gomes de Abreu Amaro da Cruz

Mestrado em,  
Estudos Internacionais

Orientadora:  
Doutora Carla Mouro, Investigadora CIS-ISCTE e Professora Auxiliar Convidada,  
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

outubro, 2022



*“Impele a tua própria canoa”*

*Baden-Powell*

*Àqueles que sempre me impeliram a seguir, independentemente dos escolhos encontrados.*



## Agradecimentos

Com a finalização deste estudo e de mão dada com o sentimento de dever cumprido, resta-me apenas dedicar as poucas palavras que ainda resistem, àqueles que, de alguma forma, me deram o colo necessário durante todo este processo.

À minha orientadora, a Professora Carla Mouro, agradeço por me ter guiado horas a fio, sem nunca me ter deixado desamparada, ainda que o caminho tenha sido sinuoso. A gratidão que tenho por este apoio não se expressará nunca por palavras, ainda que escreva mil teses.

Aos meus pais, Alexandra e Célio. A vocês dois, que sofrem por me ver sofrer, agradeço não só o amor, a compaixão, o amparo, a força, a calma, a segurança, a brincadeira, o ombro amigo, os beijinhos e todas as outras formas de amor, como agradeço tudo o resto. Tudo o que fui, tudo o que sou e tudo o que serei, a vós o devo. Se pudesse, agradecer-vos-ia aqui, com o dobro do número de palavras que contém este estudo, e ainda assim ficaria aquém do que merecem.

À minha Nala. Ainda que nunca vás conseguir ter perceção do quanto me ajudaste, sei que te devo este agradecimento por escrito. Foste uma das peças-chave para o sucesso deste trabalho. Toda a gente deveria ter uma Nala na sua vida. Não sei como é que um ser de quatro patas e cauda enérgica conseguem manter dentro de si tanta obstinação, personalidade, teimosia, doçura e patetice. Só sei que foram esses traços, tão teus, que me permitiram manter à tona.

Aos meus avós, Cristina e Mário. Vocês são uma das razões pelas quais tanto lutei para terminar esta etapa. O orgulho que vos quero dar, serviu de remo à canoa que tento impelir. Esta conquista é tanto minha como vossa, por todo o apoio e palavras de força que me deram.

Aos meus tios, Catarina e Rui, por me dizerem que tudo ia dar certo. Especialmente à tia que ouviu todas as minhas queixas durante as horas de almoço, sem nunca dizer que estava farta. Agradeço-vos, principalmente, pela prima Mariana. O que alcanço com a entrega deste trabalho faz com que eu sinta que estou um passo mais perto de ser o exemplo que ela terá o orgulho de seguir.

Ao meu irmão, por trabalhar para alcançar os seus sonhos, um por um, e por me incentivar a fazer o mesmo. Em criança, foste o meu herói. Em adulto, fazes-me querer ser igual a ti.

Aos meus amigos:

Nês, que o teu riso me continue a encher o coração da mesma forma que me auxiliou durante a escrita deste trabalho. Estas palavras, para além de serem de agradecimento por me permitires acompanhar-te e por me acompanhares ao longo deste percurso universitário, são

também de felicitação, por teres conseguido o teu grau de mestre. Espero que os teus olhos brilhem, por este meu sucesso, da mesma maneira que brilham os meus ao acompanhar o teu percurso desde caloira a Senhora Professora.

Alex, ainda que de forma mais distante, agradeço-te por teres feito parte desta etapa, que começou com 3 raparigas de Letras.

Cátia (e Zeus), segui, à minha maneira, os teus passos. Agora que começaste o teu mestrado, espero ser para ti o pilar que foste para mim. Agradeço-te por me ouvires, aconselhares, animares e encorajares. Quem diria que iríamos continuar com os caminhos cruzados depois do secundário acabar?

Às Manas, que, para além de participarem neste estudo, me permitiram descarregar as frustrações com uma boa risada. Em especial à Carolina, a quem eu quero continuar a provar que o limite vai para além do céu. A vida que partilhámos as seis, com lenço ao pescoço e jarreteiras nas meias, foi o que permitiu que este trabalho fosse escrito.

Ao João, por me dedicar palavras de apoio, naquela sua maneira ríspida que lhe é tão característica. Agradeço-te por me acompanhares e me ouvires, ainda que achasses que estava a ser dramática. Felicito-te também pela tua conquista, Senhor Agente.

À Sofia, por querer sempre o melhor para mim, mesmo que isso signifique um bilhete só de ida.

Ao Dante e ao Zé, por partilharem comigo o amor pelo escutismo e por me darem a oportunidade de desabafar sobre tudo.

À Camila, ao Santiago, ao Rossoni, ao Eduardo, ao Marco, ao Vasco e à Beatriz, por terem aceite o desafio quando, mais uma vez, foram chamados a Servir.

Ao Escutismo e ao CNE, que mudam a minha vida desde 2007 e que me ensinam, todos os dias, que tenho de me esforçar para cumprir a promessa que fiz de ser Homem-Novo.

Ao Agrupamento 1369 – Sta. Marta do Casal de Cambra. A vós, Patrulha Lobo, que são meus irmãos mais velhos e sempre me incutiram a vontade de ser mais e de querer mais.

À Alcateia 154 – Sta. Clara de Assis, por me deixarem ser a vossa Racxa. Ter a oportunidade de começar a minha caminhada enquanto Dirigente do CNE com esta Alcateia, deu-me forças para concluir este projeto. A minha ânsia de vos ensinar que “temos de deixar o mundo um pouco melhor do que o encontrámos” foi um dos motivos que encontrei para querer dar este passo.

A mim, que já fiz várias tentativas para cair, mas não consegui.

## Resumo

Nas últimas décadas, os problemas ambientais tornaram-se um assunto de interesse global. Contudo, apesar da necessidade de ação para a sua mitigação, as alterações climáticas continuam a tornar-se cada vez mais perigosas. Assume-se que a emergência climática deve ser combatida em benefício das gerações presentes e futuras, realçando-se o papel da juventude. O presente estudo apresenta como objetivos: i) caracterizar a perceção dos jovens relativamente ao meio ambiente e a questões de sustentabilidade ambiental; ii) evidenciar o modo como os jovens operam quando se trata de assuntos climáticos; iii) identificar possíveis diferenças relativamente à forma de apresentar e lidar com os problemas climáticos de jovens do CNE e de jovens que nunca pertenceram a associações ambientais. Para responder aos objetivos, foi conduzido um estudo através de grupos focais com escuteiros e não escuteiros. Os resultados confirmaram que a emergência climática, apesar de considerada um problema urgente, não é um dos mais importantes para os jovens. Ainda assim, é possível perceber que estamos perante uma geração capaz de lutar a favor da mitigação deste flagelo. Relativamente às diferenças entre jovens escuteiros e não escuteiros, é possível aferir que estas são escassas, excetuando na facilidade com que os primeiros têm acesso a ações pró-ambientais. Assim, conclui-se que foi possível perceber qual a perceção e forma de lidar dos jovens face à problemática ambiental, tal como foi possível concluir que não existem diferenças substanciais na forma de agir e percecionar as alterações climáticas, entre os jovens escuteiros e não escuteiros.

*Palavras-chave:* emergência climática, jovens, escutismo, ações pró-ambientais, consciência ambiental



## **Abstract**

Over the past decades, environmental problems have become a matter of global concern. However, despite the need for action for its mitigation, climate change continues to become increasingly dangerous. It is assumed that the climate emergency must be fought for the benefit of present and future generations, highlighting the role of youth. This study presents as objectives: i) to characterize the perception of young people regarding the environment and environmental sustainability issues; ii) to highlight how young people operate when it comes to climate issues; iii) to identify possible differences regarding the way of presenting and dealing with climate issues of young from CNE and young people who have never belonged to environmental associations. To answer the objectives, a study was conducted through focus groups with Scouts and non-Scouts. The results confirmed that the climate emergency, although considered an urgent problem, is not one of the most important in the lives of young people. Even so, it is possible to perceive that we are dealing with a generation that can address this calamity mitigating. Regarding the differences between young Scouts and non-Scouts, it is possible to assess that these are scarce, except in the ease with which the former have access to pro-environmental actions. Thus, we conclude that it was possible to understand how young people perceive and deal with environmental issues, just as it was possible to conclude that there are no substantial differences in the way they act and perceive climate change between young Scouts and non-Scouts.

*Keywords:* climate emergency, youth, Scouts, pro-environmental actions, environmental awareness



# Índice

Agradecimentos	i
Resumo	iii
Abstract	v
Lista de Acrónimos	viii
Capítulo 1. Introdução	1
Capítulo 2. Enquadramento Teórico	5
2.1    Emergência Climática	5
2.1.1. Emergência Climática – Situação atual	6
2.1.2. Emergência Climática como problema global – A perspectiva das RI	8
2.2. Os Jovens e a Ação Climática	12
2.3.    Escotismo	16
2.3.1. A origem do Escotismo	17
2.3.2. O Escotismo mundial e o Ambiente	18
2.3.3. A origem do Corpo Nacional de Escutas (CNE)	20
2.3.4. O Corpo Nacional de Escutas e o Ambiente	21
2.4. Objetivos do estudo	24
Capítulo 3. Método	27
3.1. Opções Metodológicas do estudo	27
3.2. Participantes e Procedimento	28
Capítulo 4. Análise dos Resultados	33
Capítulo 5. Considerações Finais	51
5.1. Principais contribuições teóricas e práticas	54
5.2. Limitações e propostas para o futuro	55
5.3. Conclusão	56
Referências Bibliográficas	57
Anexos	69
Anexo A	69
Anexo B	74

## Lista de Acrónimos

AEP	Associação dos Escoteiros de Portugal
B.-P.	Baden-Powell
CNE	Corpo Nacional de Escutas
CNS	Corpo Nacional de Scouts
COP	Conference of the Parties
FEP	Federação Escotista de Portugal
FFF	Fridays For Future
GEE	Gases de Efeito de Estufa
NSO	National Scout Organization
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
OMME	Organização Mundial do Movimento Escotista
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
RI	Relações Internacionais
SCENES	Scout Centre of Excellence for Nature, Environment and Sustainability
SDG	Sustainable Development Goals
UE	União Europeia
UNEP	United Nations Environment Programme
WSEP	World Scout Environment Programme

## CAPÍTULO 1

# Introdução

E se um dia amanhecesse e já não houvesse nenhum jovem no planeta? Para além dos cenários, pouco animadores, que logo nos atingem quando pensamos nesta utópica possibilidade há um que não pode passar despercebido. As alterações climáticas. O que sucederia a nível das alterações climáticas, se os jovens não existissem para as combater?

Sabendo de antemão que a probabilidade desta suposição se vir a comprovar é muito baixa é, ainda assim, necessário refletir sobre a relevância do desempenho dos jovens na problemática ambiental. Os jovens de hoje lidam, desde sempre, com as alterações climáticas. É a única realidade que conheceram e é, provavelmente, a realidade que irão sempre conhecer.

Consequentemente, neste estudo falar-se-á da emergência climática, que resultou do agravamento irrefutável das alterações climáticas, e dos seus contornos atuais. Segundo as palavras do Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, estamos perante "um código vermelho para a humanidade" (UNEP, 2021). Este estudo assume a urgência de uma mudança climática reversa à que temos visto e sentido como, por exemplo, com a crescente concentração de emissões de gases com efeito de estufa (GEE) na atmosfera. Os alarmantes estragos que continuam a ameaçar, entre outros fatores, a economia, saúde e alimentação da humanidade tornam-nos cidadãos de um mundo que está longe de garantir um decréscimo da temperatura global para menos de 2°C, como proposto no Acordo de Paris (UNEP, 2021).

Este trabalho procurará perceber como se posiciona a comunidade jovem face a esta emergência e qual é a importância que os jovens atribuem à conservação do meio ambiente. Através de uma revisão de literatura dos estudos que examinam a perceção e papel dos jovens em relação à crescente crise climática, e tendo em vista fazer face à carência de literatura sobre os mesmos, aportar-se-á um olhar crítico sobre as ações levadas a cabo pela juventude a partir dos seus discursos sobre esta temática.

De acordo com os dados lançados pelas Nações Unidas (United Nations, sem data-b) “o mundo é o lar de 1,8 mil milhões de jovens entre os 10 e 24 anos<sup>1</sup>- a maior geração de jovens da história”, mas é a sua crescente consciência para os desafios e riscos apresentados pela crise climática que faz com que sejam uma geração de elevada importância para este estudo. “A

---

<sup>1</sup> Para efeitos do presente documento, o termo "jovens" inclui pessoas com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos.

mobilização sem precedentes dos jovens em todo o mundo mostra o enorme poder que possuem para responsabilizar os decisores” (United Nations, sem data-b) - esta é uma ideia que destaca a importância de contribuir para a literatura que assegura que os jovens têm uma voz que deve ser ouvida e que procura compreender as condições que favorecem ou estimulam a sua atuação em prol de uma causa.

Aliado à questão supra surge o escotismo, que se caracteriza por ser um movimento que “promove o crescimento e o desenvolvimento dos jovens, [...] como indivíduos e cidadãos, através dos seus programas e iniciativas” (WOSM, sem data-a). Desta forma, restringe-se o vasto escopo de organizações que realçam o papel positivo dos jovens pela luta climática e destaca-se uma que, apesar de ter vertentes educativas que apontam para o trabalho em equipa, a vida cristã, a solidariedade, entre outros, assume também como sua a missão de proteger a natureza, visto que é nela que vê “um dos elementos mais marcadamente identificadores do método escutista enquanto proposta pedagógica” (CNE, sem data-b).

Tratando-se de uma pesquisa desenvolvida no âmbito de um programa de mestrado em Estudos Internacionais realça-se que esta dissertação compreende uma abordagem tanto internacional como nacional no que concerne a todos os temas abordados. Assim sendo, o capítulo dedicado ao movimento escotista focar-se-á não só na apresentação do escotismo como movimento mundial, mas também a nível nacional, destacando-se o papel do Corpo Nacional de Escutas (CNE) no desenvolvimento de jovens atentos à emergência climática. A esta vertente informativa sobre o movimento, seguir-se-ão capítulos onde será feita uma ligação do escotismo – a nível internacional e nacional – e dos seus associados ao ambiente. Por fim, de forma a estabelecer um fio condutor que facilitará a compreensão desta dissertação e o encadeamento dos três principais tópicos – emergência climática, jovens e escotismo -, apresentar-se-á um pequeno capítulo que pretende explicar o porquê do escotismo como associação escolhida para representar a proteção do ambiente por parte da juventude. Este trabalho pretende averiguar se como proposto pelo secretário nacional do CNE para o Ambiente e Sustentabilidade, se pode considerar que «os escuteiros são “exemplo para os outros” e é importante que possam ser um “agente mobilizador e catalisador”, pela forma como olham para a natureza» (Carmo, 2021).

Para este efeito, foi levado a cabo um estudo qualitativo com grupos focais, em que participaram jovens que estiveram e que não estiveram envolvidos no movimento escotista. Estas entrevistas qualitativas pretendem descobrir diferentes perspetivas, ou pontos de vista, para além daqueles propostos no início das sessões (Bauer & Gaskell, 2002), o que contribui para a obtenção de um ponto de vista baseado nas experiências vivenciadas por jovens entre os

18 e os 25 anos. Este intervalo etário resulta da necessidade de auscultar indivíduos que fossem maiores de idade e que tivessem, especialmente no escotismo, no papel de associados ao invés de serem já responsáveis pelos jovens.

Concomitantemente, definem-se como objetivos específicos da pesquisa: caracterizar a percepção dos jovens relativamente ao meio ambiente e às questões de sustentabilidade ambiental; evidenciar o modo como os jovens já operam quando se trata de assuntos climáticos; e identificar se existem diferenças perceptíveis relativamente à forma de apresentar e lidar com os problemas climáticos de jovens que pertencem ao CNE e de jovens que nunca tiveram contacto com qualquer tipo de associações ambientais.

Finalmente, quanto à estrutura da dissertação, esta encontra-se dividida em cinco partes: a introdução, onde se apresentam os principais objetivos e o fio condutor da pesquisa; uma segunda parte, de enquadramento teórico, onde se apresenta o estado da arte e se problematizam os principais conceitos e debates a mobilizar ao longo trabalho; um capítulo metodológico, onde estão explícitos os métodos e técnicas de recolha empírica; uma quarta parte, na qual se apresenta os resultados da recolha empírica e onde se apresentam as respostas recolhidas às questões da pesquisa, trazendo à luz o contraste dos dados com as problemáticas levantadas no enquadramento conceptual. Por fim, nas considerações finais, identificam-se os principais contributos da dissertação, a nível teórico e aplicado, bem como algumas das suas limitações.



## Enquadramento Teórico

### 2.1. Emergência Climática

Cerca de 97% dos cientistas está de acordo em afirmar que as alterações climáticas são reais e que são causadas pela atividade humana (National Geographic Society, sem data). No entanto, pode tornar-se difícil perceber como é que ao mesmo tempo que temos vivido alguns invernos rigorosamente frios, se continua a falar de um elevado aquecimento do planeta.

Pode parecer contraintuitivo, mas eventos climáticos frios não refutam a tese de que o aquecimento global é real, isto porque o tempo e o clima são duas coisas diferentes. A mudança climática é uma mudança a longo prazo, geralmente de 30 ou mais anos, nos padrões climáticos globais ou regionais e é frequentemente comparada, erroneamente, com as condições meteorológicas (precipitação, temperatura, humidade, pressão atmosférica) que se referem a alterações de curto prazo que ocorrem na camada inferior da atmosfera (National Geographic Society, sem data). É, então, possível ter um período especialmente frio, apesar de, em média, as temperaturas globais estarem a aumentar. O inverno frio é uma mudança atmosférica relativamente pequena dentro de uma tendência muito maior e a longo prazo que é o aquecimento global.

Os termos “emergência climática” e “alterações climáticas” são, muitas vezes, empregues como sinónimos, todavia têm significados diferentes. A expressão "emergência climática" surge como uma nova proposta ao termo “alterações climáticas”, usado até recentemente, assim sendo, a emergência climática representa uma nova etapa no enquadramento das incontestáveis, alterações climáticas. De acordo com McHugh et al. (2021), estamos perante um termo recente, que surgiu pela primeira vez em 2016, e que “começou a ser utilizado pelos principais meios de comunicação social (tais como o *The Guardian* do Reino Unido) e em petições de declaração de emergência climática que circularam na Austrália” (p. 1). Assim, alterações climáticas e emergência climática são conceitos interligados, dado que estamos a experienciar mudanças climáticas cada vez mais regulares e intensas, o que nos coloca num estado de emergência climática irrevogável e que pode ser decisivo.

Este capítulo encontra-se dividido em 2 subcapítulos. No primeiro, far-se-á o enquadramento da temática dando a conhecer a atualidade com que nos deparamos em termos de alterações climáticas. No segundo, será explicado o teor global do tema encadeando-o com as Relações Internacionais (RI).

### 2.1.1. Emergência Climática – Situação Atual

As atuais mudanças no sistema climático e as esperadas no futuro terão cada vez mais impactos significativos e nocivos aos sistemas humanos e naturais, deixando-nos num estado de emergência climática que não nos permite ultrapassar mais pontos de não-retorno<sup>2</sup>. De acordo com o documentário de David Attenborough e Johan Rockström (2021) “quando passamos pontos de viragem, provocamos mudanças irreversíveis” e, uma vez que o sistema climático está interligado, se um desses pontos for ultrapassado o mais provável é que outras partes do sistema sigam o mesmo caminho e ultrapassem o seu “limite crítico” (Attenborough & Rockström, 2021). Os impactos das alterações climáticas e eventos climáticos extremos já afetaram negativamente, ou causaram a perda de ecossistemas, incluindo ecossistemas terrestres, de água doce, oceânicos e costeiros; reduziram a segurança alimentar; contribuíram para a migração e o deslocamento; prejudicaram os meios de subsistência, a saúde e a segurança das pessoas; e aumentaram a desigualdade (Pörtner & Roberts, 2022).

O estudo apresentado pela *United Nations Environment Programme* (UNEP, 2020) explica que as emissões de Gases com Efeito de Estufa (GEE), considerado um dos maiores pontos de não-retorno a nível global (Attenborough & Rockström, 2021), cresceram, em 2019, pelo terceiro ano consecutivo, indicando que o abrandamento do crescimento das emissões durante 2015 e 2016 foi de curta duração. Desde 2010, os GEE têm crescido 1,4 por cento por ano, em média, com dados preliminares sugerindo um aumento de 1,1 por cento em 2019. As provas dos impactos e riscos relacionados com as alterações climáticas estão já generalizadas a nível mundial, danificando não só as superfícies terrestres e oceânicas, mas também o oceano profundo (Magnan et al., 2021).

Ora, se por um lado, em 2019 os GEE cresceram, por outro lado, o surto da pandemia COVID-19, que surgiu como um grande desafio do ponto de vista da saúde humana e levou à imposição de um bloqueio em todo o mundo para prevenir uma maior propagação da doença, teve alguns impactos positivos no ambiente, particularmente no contexto da qualidade do ar devido à redução das concentrações de partículas em suspensão nas principais cidades do globo (Bhat et al., 2021). Segundo Fuentes et al. (2020), a crise da COVID-19 é uma verificação da realidade da política climática, da governação internacional e da prevenção em geral. Para estes autores, esta pandemia foi considerada um laboratório de simulação das alterações climáticas,

---

<sup>2</sup> Um ponto de não-retorno, ou ponto de viragem, é definido como uma pequena intervenção que leva a grandes consequências a longo prazo que são difíceis de inverter (‘*Tipping Points*’ *Lead to Irreversible Shifts - Climate Experts | Research and Innovation*, sem data).

visto que fizeram uma analogia do estado lento de degradação do planeta com a degradação diária dos sintomas da doença.

Devido à COVID-19, as ações tomadas pelos governos em todo o mundo levaram a reduções significativas da poluição ambiental e a melhorias na qualidade ambiental, particularmente em países com transmissão elevada do vírus, tais como China, EUA, Itália e Espanha (Bhat et al., 2021). As estratégias de confinamento devido à pandemia ofereceram, portanto, uma mensagem significativa a todos os países, em todo o mundo, sobre o tipo de medidas a adotar para o restabelecimento da qualidade ambiental bem como da estabilidade natural dos ecossistemas.

Numa nota não tão animadora, Fuentes et al. (2020) explicam que as reduções de emissões durante os confinamentos parecem ser bastante pequenas. Por exemplo, estimou-se que as emissões globais diárias de CO<sub>2</sub> diminuíram -17% até ao início de abril de 2020, em comparação com os níveis médios de 2019. Ora, isso não será suficiente para satisfazer as metas planeadas no Acordo de Paris até ao ano de 2030, que ditam que os países membros deveriam “reduzir substancialmente as emissões globais de GEE [...] em 2 graus Celsius, prosseguindo simultaneamente os esforços para limitar ainda mais o aumento a 1,5 graus” (Nations, sem data-a).

A sustentar ainda mais a tese de que a pandemia que assolou o mundo não foi, nem de perto, uma mais valia significativa à redução dos fenómenos da crise climática que vivemos, surgem os dados lançados pela National Centers for Environmental Information (2022) que descrevem que em julho de 2022 a temperatura global da superfície do planeta foi a sexta maior, para este mês, em 143 anos. Os cinco meses de julho mais quentes de que há registo ocorreram todos desde 2016. Durante este mês, em 2022, uma onda de calor sem precedentes afetou grande parte da Europa e em muitos países europeus ocorreram temperaturas recorde. Globalmente, as temperaturas recorde de julho atingiram mais de 7,3% da superfície mundial - a quarta percentagem mais elevada para as temperaturas recorde de julho (National Centers for Environmental Information, 2022). Relativamente à seca, a National Centers for Environmental Information (2022) relata que julho de 2022 foi mais seco do que o normal em partes da Europa e excessivamente quente em toda a Europa. Desta combinação de calor e secura resultou um stress evaporativo excessivo que continuou a esgotar a humidade do solo e os níveis das águas subterrâneas em todo o continente. A seca foi evidente durante os últimos meses em grande parte da Europa e Ásia. Também algumas zonas da África e Austrália se mostraram mais secas do que o normal neste mês, enquanto outras partes destes continentes se encontravam mais húmidas do que o habitual. No referente ao continente americano, o estudo mostra que partes

desta estavam mais secas do que o costume, enquanto quase todo o continente estava mais quente do que o normal. Estes dados corroboram que a perspectiva de que as manifestações e consequências das alterações climáticas são já muito evidentes a um nível global e não distantes no tempo e espaço, como durante algum tempo se pensou.

O estudo recente de Magnan et al. (2021) mostra que até ao final do século XXI, mesmo uma trajetória de baixa emissão de GEE levará a um importante aumento do atual nível de risco climático global. Assim sendo, é de salientar o consenso entre os autores apresentados, que afirmam que a crise climática não está a mostrar sinais de abrandamento, antes pelo contrário.

A próxima secção do trabalho apresentará o encadeamento que as RI têm com a temática da emergência climática, uma vez que estamos perante um problema à escala global.

### **2.1.2. Emergência Climática como problema global – a perspectiva das RI**

A degradação ambiental causada pela mão humana conta uma história longa e complexa, mas só após o período que marca a expansão global Europeia e a revolução industrial, onde o problema estava relativamente localizado e era irregular a nível espacial, houve um aumento exponencial do alcance, escala e gravidade dos problemas ambientais que assolam o mundo (Eckersley, 2007).

De acordo com Eckersley (2007) os problemas ambientais nunca foram uma preocupação central nas teses propostas pelos estudiosos das RI, que sempre se dedicaram a matérias relacionadas com questões políticas relativas à segurança e conflitos interestatais. No entanto, a mesma autora afirma que esta conjuntura foi redirecionada de modo a acompanhar o escalar transfronteiriço das adversidades ambientais e, desde os anos 70, foi então criado um ramo nas RI que foca a cooperação internacional para mitigar ou reduzir este problema, principalmente na gestão de recursos comuns tais como os oceanos, a atmosfera e os principais sistemas fluviais.

Apesar de só a partir da década de 1970 se começar a relacionar, de forma mais séria, as RI e a inegável mudança do clima, Soza-Nunez & Atkins (2016) reiteram que as complexidades inerentes às alterações climáticas tornam este fenómeno particularmente difícil de lidar no âmbito de uma governação internacional, apesar das ações no contexto internacional continuarem a mostrar ser a via mais eficaz para enfrentar o espectro de alterações a nível do clima. Estes autores vão ao encontro da tese de Webersik (2010) quando este assegura que o facto de os Estados correrem perigo de desaparecerem sob os mares em ascensão e de existirem cada vez mais perturbações no abastecimento de água e dos sistemas alimentares, projetados

para décadas futuras, fez com que as questões ambientais se tornassem centrais para a política internacional contemporânea e para o seu estudo académico (Webersik, 2010, citado por Sosa-Nunez & Atkins, 2016, p. 42).

Apesar de tudo, têm sido alcançadas metas favoráveis e que permitem que novos passos sejam dados rumo a um planeta mais limpo como é o exemplo do mais recente direito humano a um ambiente seguro, limpo e saudável que foi reconhecido pelo Conselho de Direitos Humanos da ONU. De acordo com o artigo publicado pela ONU (2021), esta decisão foi um momento decisivo na luta contra a crise mundial causada pelas alterações climáticas tendo, por essa razão, um papel fundamental para a justiça ambiental, porque ajuda a “proteger indivíduos e comunidades cuja saúde e subsistência é colocada em causa pelas alterações climáticas”. A resolução 48/13, elaborada pela Costa Rica, Maldivas, Marrocos, Eslovénia e Suíça (ONU, 2021), foi aceite de forma unânime por todos os estados-membros à exceção da Rússia, Japão, Índia e China que se abstiveram (Dias, 2021).

Não obstante, a luta global e governamental por um clima mais saudável surge antes, por exemplo, com as *Conference of the Parties* (COP). Estas cimeiras permitem, desde a criação da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima em 1994, que as alterações climáticas se tornem uma prioridade global e que os países pertencentes às regiões reconhecidas pelas Nações Unidas - África, Ásia, América Latina e Caraíbas, Europa Central e Oriental e Europa Ocidental e outras - tomem medidas preventivas e resolutivas para as questões climáticas (*Conference of the Parties (COP)*, sem data). Nestas conferências surgiram, entre outros, o Protocolo de Quioto que “foi o primeiro tratado jurídico internacional que explicitamente pretende limitar as emissões quantificadas de gases com efeito de estufa (GEE)” (Agência Portuguesa do Ambiente, sem data), em 1997 e, em 2015, surgiu o Acordo de Paris que se tornou um ponto de viragem para as alterações que ocorrem no planeta ao conseguir que, de forma unânime, todos os países aí representados se comprometessem não só a reduzir o aquecimento global até 1.5°C como a disponibilizar o montante necessário para cumprir esse objetivo (UN Climate Change Conference, 2022a). A mais recente COP26, contou com o maior número de participantes de sempre e foi palco para o surgimento do Pacto Climático de Glasgow.

Também surge, em 2015, na Cimeira de Chefes de Estado e de Governo pela Assembleia Geral das Nações Unidas no decurso do decreto “Transformar o Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável” (A/RES/70/1), que pretende inovar na área do desenvolvimento sustentável através da implementação de 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) com 169 metas a executar por todos os países. Estes objetivos tendem a

equilibrar as três dimensões do desenvolvimento sustentável: o económico, social e ambiental e pretendem ainda ser um aperfeiçoamento dos 8 Objetivos de Desenvolvimento do Milénio, estabelecidos entre 2000 e 2015 (Assembleia Geral das Nações Unidas, 2015).

No que concerne a esta problemática surgem conceitos importantes para uma melhor reflexão sobre as mesmas e as suas implicações nos mais diversos temas. De acordo com o relatório da Environmental Justice Foundation (2014), o governo do Reino Unido crê que a mudança climática é "o maior desafio à estabilidade e à segurança globais e, por conseguinte, à segurança nacional" (p.8). Estamos então perante o conceito de segurança ambiental, que surge no contexto da década de 1980, com as crescentes preocupações com o aumento da camada de ozono, as precipitações radioativas provenientes de Chernobyl, a desflorestação no Brasil e a insuficiência de água, que fizeram com que a "Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (1987) [sugerisse] que a má utilização de recursos e a crescente escassez de recursos [pudessem] muito bem conduzir a conflitos" (Soza-Nunez & Atkins, 2016, p. 49). De acordo com Dyer (2001), o conceito de segurança ambiental tem sido objeto de uma vasta literatura crítica, sobretudo porque representa uma alteração colossal aos alicerces das RI tradicionais. Este conceito, ainda que possa parecer pouco significativo para este estudo, é relevante devido aos debates impetuosos que gerou sobre se as questões ambientais poderiam acabar com uma perspetiva de segurança político-militar centrada no Estado, servindo, assim, de alavanca para uma maior consciencialização relativamente a este problema global. Esta definição de segurança ambiental, "um dos mais controversos conceitos na política internacional" (Pereira, 2015, p. 195), alarga o conceito de segurança ao considerar os riscos colocados pelas alterações ambientais às coisas que as pessoas valorizam (Barnett, 2010, citado por Pereira, 2015). A proteção ambiental abrange a segurança alimentar, energética, económica e o acesso aos recursos naturais fundamentais, o que nos leva imediatamente ao conceito de segurança humana e reflete o facto de que o ambiente é um fenómeno multidimensional. A segurança humana envolve o ambiente, economia, alimentação, saúde, comunidade, aspetos políticos e pessoais, um conceito que segue a linha de pensamento de Dyer (2001) e que, segundo Pereira (2015), sugere que se deve focar nos indivíduos e não apenas nas ameaças centradas no Estado e na defesa nacional.

Schlosberg & Collins (2014) trazem-nos outro conceito que, à partida, também não parece estar diretamente relacionado com a mudança do clima. O conceito de justiça ambiental, segundo os mesmos autores, surge nos Estados Unidos da América e acaba por se espalhar pelo mundo à medida que se conheceram desastres climáticos ao redor do globo. Schlosberg & Collins (2014) afirmam que a definição mais usada entre os estudiosos para justiça ambiental

diz que os Estados que mais contribuíram para este dilema devem assumir a responsabilidade primária pelos resultados das suas ações e, subsequentemente, devem pagar os custos causados por estas transgressões. “A ideia é um princípio básico do poluidor-pagador, que vincula a responsabilidade de abordar a questão com aqueles que produziram o problema” (Schlosberg & Collins, 2014, p.7).

Desde o final dos anos 80 que os líderes mundiais têm reconhecido os impactos desastrosos das alterações climáticas. Em 1988, a Primeira-Ministra britânica Margaret Thatcher fez um discurso para a Royal Society of London no qual chamou a atenção para estas alterações. No mesmo ano, o Ministro dos Negócios Estrangeiros da União Soviética, Eduard Shevardnadze, também apelou à ação sobre as alterações climáticas num discurso à Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) e, durante a sua campanha eleitoral, o Presidente George H. W. Bush comprometeu-se a realizar uma conferência global sobre as alterações climáticas na Casa Branca (Soza-Nunez & Atkins, 2016). No entanto, apesar de uma visão progressista ter emergido relativamente a este tópico, os líderes mundiais assumiram predominantemente que as alterações climáticas eram apenas um item numa longa lista de questões ambientais e não a única importante questão ambiental global, como se tornou.

Esta emergência climática não influencia apenas o clima do nosso planeta, mas também todos o que nele habitam e interfere em vários domínios, de forma indireta, entre os quais a migração. As migrações que acontecem a nível nacional e internacional, induzidas pelas alterações climáticas, vão, certamente, colocar novos desafios ao sistema internacional. Podemos contar com aumentos da migração irregular, tensões nos sistemas de asilo existentes e lacunas de proteção para certos migrantes afetados (Martin, 2010). Introduz-se, então, o conceito de migrante ambiental, que surge neste trabalho, à semelhança dos termos apresentados anteriormente, com o objetivo de ilustrar o crescente leque de tópicos que surgem relacionados com as mudanças climáticas e os seus efeitos, diretos e indiretos, na sociedade. A International Organization for Migration (2014) assume que as mudanças ambientais e as catástrofes naturais sempre foram os principais motores da migração. No entanto, com o aumento dos eventos climáticos extremos aumenta também o número de pessoas em movimento devido a estas catástrofes relacionadas com o clima. Para a International Organization for Migration (2014), “os migrantes ambientais são pessoas ou grupos de pessoas que, por razões imperiosas ou mudanças progressivas no ambiente que afetam negativamente as suas vidas ou condições de vida, são obrigados ou escolhem deixar as suas casas, quer temporária ou permanentemente, e que se mudam dentro do seu país ou para o estrangeiro” (p. 6).

Trazer para a discussão conceitos como, segurança ambiental, justiça ambiental e migrante ambiental permitem mostrar ao leitor toda a transformação e preocupação que este tema tem despoletado, ao longo dos anos. A criação destes termos permitiu dar visibilidade ao debate sobre o clima, e, paralelamente, desenvolver-se uma maior consciência relativa a questões como segurança, justiça e migração ambientais a nível global. Interessa, neste âmbito, averiguar se estas temáticas passaram, o suficiente, para a esfera pública para aparecerem refletidas nas perceções e ações dos jovens relativamente às questões ambientais.

## **2.2. Os Jovens e a Ação Climática**

É incontestável que serão as gerações mais novas a ter de encarar e coexistir com a problemática das alterações climáticas e lidar com as suas repercussões durante muito tempo, se nada for feito. O presente trabalho procura perceber qual a importância, para a camada jovem, das questões climáticas e qual é atualmente o seu envolvimento na questão climática. Para tal serão apresentados um conjunto de estudos, maioritariamente da área da psicologia social e ambiental, sobre perceções dos jovens relativamente às alterações climáticas e a sua adesão a ações ambientais, incluindo ativismo ambiental e voluntariado.

Wibeck (2014), no estudo que realizou com jovens suecos, chegou à conclusão de que, ao discutir os impactos das alterações climáticas, eram frequentemente feitas menções aos efeitos graves e potencialmente fatais da emergência climática. Relativamente às ações que tomavam para mitigar estas alterações, os seus participantes referiam sempre exemplos de ações individuais, como desligar as luzes e poupar água. Para estes jovens, persistia, no entanto, a preocupação com a discrepância entre as graves consequências das alterações climáticas e os efeitos incertos dos esforços de mitigação pessoal. Embora as consequências das alterações climáticas a nível local, tidas como severas e distantes, fossem um tema dominante no foco dos grupos de discussão, foram as consequências globais que os jovens encararam como sendo o maior problema.

O estudo de Caillaud et al. (2015) mostra que, quando confrontados com informações que realçam a responsabilidade coletiva por problemas ecológicos, os jovens reportam “emoções coletivas negativas, na sua maioria relacionadas com desconforto” (p.15). Caillaud et al. (2015) mostram que os jovens atribuíram a responsabilidade pelas alterações climáticas, principalmente, «‘ao sistema’ (indústria, consumo excessivo, transporte...)» (p. 16), o que, segundo os autores, permite a minimização da responsabilidade, enquanto grupo, o que enfatiza

a sua falta de controlo e aumenta a crença num sistema que contribui para as alterações climáticas.

De forma a sustentar a tese de que os jovens podem ter um papel importante na consciencialização ambiental, Riemer et al. (2014) defendem que os jovens e os jovens adultos são um grupo-alvo particularmente promissor para o envolvimento ambiental cívico. Os autores apresentam várias razões para tal, entre as quais o facto de os jovens estarem na vanguarda dos movimentos que procuraram trazer justiça e mudanças sociais no mundo. De acordo com Corriero (2004, citado por Arnold et al., 2009), as Nações Unidas identificaram os jovens como sendo intervenientes-chave no que respeita a questões ambientais e para o autor “os jovens têm hoje mais poder e potencial para criar mudanças a nível global e local do que tiveram em qualquer geração anterior” (p. 27). Todavia, apesar dessa predisposição para gerar mudança, atribuída aos jovens, existe uma grande limitação, segundo Narksompong & Limjikanan (2015), uma vez que os programas criados pelas autoridades políticas continuam a ser concebidos para os jovens, tendo em vista melhorar o seu futuro, em vez de se envolverem diretamente com eles vendo neles parceiros capazes.

O estudo de Asah et al. (2018) analisa o conceito de cidadania ambiental, que classifica como sendo o conjunto de ações que as pessoas tomam a favor da conservação ambiental, principalmente na esfera pública. De acordo com Stern et al. (1999) citado em Asah et al. (2018), a cidadania ambiental subdivide-se em quatro aspetos. O primeiro aspeto diz respeito à defesa do ambiente e ativismo, que implicam o envolvimento direto na defesa de causas ambientais. O segundo aspeto da cidadania ambiental, o voluntariado, retrata as ações voluntárias, realizadas em público, para melhorar a condição do ambiente. O terceiro aspeto é a literacia ambiental, que trata de manifestações de aprendizagem e conhecimento sobre fenómenos ambientais. E finalmente, o quarto aspeto, é a cidadania político-ecológica, composta por ações pró-ambientais da esfera pública, tais como o voto para candidatos políticos devido às suas inclinações pró-ambientais.

Os comportamentos pró-ambientais da esfera pública influenciam os comportamentos de pessoas e organizações que estão ativamente empenhadas em moldar as políticas ambientais. Os comportamentos associados à cidadania ambiental influenciam as ações da população, em geral, apesar de existirem indícios de que existem baixos níveis de compromisso, interesse e envolvimento dos jovens na esfera pública, têm surgido também evidências que demonstram a emergência de novas dinâmicas nas culturas participativas juvenis (Rodrigues et al., 2018). Segundo Rodrigues et al. (2018), os jovens contemporâneos tendem a preferir participar na proteção do ambiente de forma mais individual, menos institucionalizada e hierarquizada, como

é o caso de assinar petições ou partilhar conteúdos políticos numa rede social. Paradoxalmente surgem os exemplos de Greta Thunberg na Suécia, Vanessa Nakate no Uganda e Izzy Raj-Seppings na Austrália, que sensibilizaram para a emergência climática utilizando uma série de ações, incluindo contactos com os meios de comunicação social, injunções legais e protestos pacíficos (Dunlop et al., 2021).

Um dos pontos de viragem a nível social sobre o papel dos jovens nas questões climáticas começou com a decisão de Greta Thunberg, em 2018, com 15 anos, de faltar às aulas e realizar o seu protesto solitário contra o clima no exterior do Parlamento sueco. Esta decisão, segundo o artigo publicado pela Direcção-Geral de Investigação e Inovação da Comissão Europeia «tornou "cada vez mais fácil" a outros jovens que se juntassem a ela» (Whiting, 2022). O que não se esperava é que, em escassos meses, o movimento se propagasse por todo o mundo e milhares de jovens comesçassem a exigir uma ação climática mais forte por parte dos governos. Este caso teve um impacto tão grande que, no ano seguinte ao aparecimento de Greta, resultou em levar à votação do Parlamento Europeu se se deveria declarar estarmos numa emergência climática. Para além disto, de acordo com Fonseca e Castro (2022), a jovem ambientalista “trouxe a novidade de inspirar um movimento global significativo a uma idade invulgarmente jovem” (p. 2). As autoras também salientam o facto de que Thunberg representa a juventude como “agente e conhecedor, ou seja, como atores políticos e climáticos relevantes que não podem ser ignorados, independentemente da sua idade” (p. 11).

Os ativistas ambientais como Thunberg desempenham um papel importante na mudança de perceção global relativamente às alterações climáticas através de práticas comunicativas que resultam no aumento de debates sobre o assunto, o que contribui para a sua discussão tanto num contexto institucional como no quotidiano. De acordo com Wallis & Loy (2021) antes do aparecimento do movimento *Fridays for Future* (FFF), um movimento criado por Greta Thunberg onde se faziam greves estudantis pelo clima, os jovens eram raramente vistos no papel de cidadãos ou ativistas políticos. Um dos exemplos positivos desta mudança de prisma, que resulta no aumento na discussão da problemática por parte dos jovens prende-se com a sua recente participação na COP26, que contou com um dia dedicado inteiramente à promoção do envolvimento dos jovens, educação climática e participação pública com o objetivo de elevar as vozes dos jovens especialistas na política climática e facilitar o seu envolvimento com os decisores (UN Climate Change Conference, 2022b).

Uma possível explicação para o movimento gigantesco que se criou à volta das Greves Climáticas Estudantis pode residir no facto dos pares constituírem uma fonte de influência forte entre os jovens, dado que são mais semelhantes em termos de passatempos, idade, e estilo de

vida (Collado et al., 2017). Ter “amigos e pares ativos cívica e politicamente, por exemplo, através do voluntariado, da participação em organizações políticas e da organização e envolvimento em campanhas e outros eventos políticos também revela um impacto favorável na participação juvenil” (Rodrigues et al., 2018, p. 4). Para os jovens, o maior legado que Greta deixa é “uma viragem de discurso a nível internacional” e o papel na “emancipação de milhares de jovens, que perceberam que a política também podia ser feita por eles” (Moutinho, 2021). Wallis & Loy (2021) discutem que só depois da evolução do movimento FFF se desenvolveu uma identidade específica entre os jovens ativistas, uma vez que os ativistas eram normalmente mais velhos. No mesmo estudo apresenta-se, também, a ideia de que era possível que muitos jovens já tivessem a intenção de agir de forma pró-ambiental mas não conseguissem pensar em formas impactantes para atingir este objetivo para além da mudança nos comportamentos de consumo no agregado familiar (Wallis & Loy, 2021). Todavia, o envolvimento cívico não é só motivado pelos pares, mas por outros fatores, entre os quais, o ambiente escolar, a exposição aos meios de comunicação social e pela história ou cultura familiar (Fung & Adams, 2017). O trabalho de Arnold et al. (2009) vem ratificar esta ideia, pois afirma que todos os participantes que fizeram parte do estudo que realizaram, mencionaram os seus pais como sendo fator de influência no seu envolvimento ambiental, embora nenhum deles tenha indicado que estes constituíssem o único fator influenciador. Curiosamente, os mesmos autores referem que os jovens viam os seus pais a desempenhar papéis que iam desde a partilha comum de interesses e valores ambientais até ao facto de estes serem abertos à temática, ainda que, inicialmente, se mostrassem desinteressados (Arnold et al., 2009).

O trabalho de Asah et al., (2018) corrobora a informação dos estudos referidos anteriormente e vai mais além quando afirma que a exposição de crianças e jovens à natureza com a família foi um indicador positivo do compromisso, na idade adulta, com atividades baseadas na natureza (p. 826). Asah et al. (2018) atestam que experiências de infância passadas na natureza têm efeitos ao longo da vida de um indivíduo e que este acaba por ter uma maior tendência a assumir um papel mais ativo em projetos com atividades baseadas na natureza e na cidadania ambiental. Esta aproximação à natureza, a curto prazo, é conhecida por melhorar vários aspetos da saúde humana e, a nível do desenvolvimento, das capacidades pessoais e sociais (Asah et al., 2018).

O voluntariado pode ser uma das formas mais fáceis para um jovem assumir um papel mais ativo a nível ambiental. Yee et al., (2021) explicam que o voluntariado, num contexto ambiental, tem sido estudado como um comportamento pró-ambiental. Os autores referem também que “investigadores descreveram o trabalho voluntário num contexto verde como uma

decisão consciente do ator, indicando o seu desejo de um maior envolvimento como cidadão ativo num esforço coletivo em direção a um objetivo mútuo que poderia ser a reparação rápida de complicações ecológicas” (Liarakou et al., 2011, citado em Yee et al., 2021, p. 22). Desta forma, os jovens voluntários podem sentir que as suas ações têm realmente um impacto na sociedade, o que evita transtornos relacionados com sintomas recentemente descobertos de “angústia emocional e ansiedade sobre o futuro”, que levam a que os indivíduos se sintam “assustados, tristes, deprimidos, entorpecidos, indefesos e sem esperança, frustrados ou zangados” (Helm et al., 2018, p. 161). Grant & Case (2022) asseveram que os jovens fazem a mudança através das suas ideias, visão e energia, da mesma forma que Narksompong & Limjikanan (2015) sustentam a tese de que os jovens são a próxima geração de cidadãos e líderes nacionais que têm de sobreviver através dos impactos das alterações climáticas globais e, por essa razão, precisam de ser capazes de agir “alavancando as suas capacidades, aptidões e criatividade para prever um futuro sustentável, especialmente para o desafio das alterações climáticas” (Yee et al., 2021, p. 21).

Em seguida, apresenta-se o escotismo como exemplo de movimento onde os jovens podem, através do voluntariado, ter um papel ativo na sociedade, em especial em questões de cariz ambiental.

### **2.3. Escotismo**

O escotismo, apelidado de fenómeno social global do século XX por Block & Proctor (2009), é um movimento não partidário que permite aos seus associados criar um mundo melhor através da educação não formal, compromisso e envolvimento em problemáticas a nível local e global (European Scout Region, 2019). É baseado no voluntariado e está “aberto a todos sem distinção de origem, de raça ou de credo, em conformidade com as finalidades, princípios e método tal como concebidos pelo Fundador” (OMME, 1983).

Os principais objetivos deste movimento passam por criar oportunidades que permitam contribuir para o desenvolvimento dos jovens a nível físico, intelectual, emocional, social e espiritual enquanto indivíduos, cidadãos responsáveis, e como membros das suas comunidades locais, nacionais e internacionais (World Scout Bureau, 2019). Neste trabalho, o escotismo será considerado como um movimento onde os jovens associados são expostos a ideias e práticas associadas à proteção do ambiente e conservação da natureza. Pretende-se identificar se esta exposição se refletirá em eventuais diferenças nas perceções e ações relatadas, relativamente ao ambiente, entre jovens associados e não associados.

Ao longo deste trabalho far-se-á, propositadamente, alusão a duas formas distintas de empregar o vocábulo escotismo. A autora Marta Reis (2013), na sua obra, esclarece a cronografia por detrás da existência dos dois termos aceites pela língua portuguesa. Na grafia mais antiga, “dado ter sido a primeira tradução do inglês *scout*” utiliza-se, pela Associação dos Escoteiros de Portugal (AEP), a primeira associação escotista em Portugal, a palavra «escoteiro». 10 anos depois, com a constituição da associação católica surge o mesmo termo com a letra *u*, termo este que foi inspirado no termo militar «escuta» que faz alusão à carreira militar de Baden-Powell (B.-P.). Em virtude desta associação ter acabado “por sair menos abalada do Estado Novo” conseguiu resistir com um número maior de associados, o que permitiu que a palavra «escuteiro» fosse a mais utilizada e constasse, por essa razão, no dicionário (Reis, 2013).

Assim sendo, e uma vez que cada associação portuguesa continua a utilizar grafias diferentes, utilizar-se-á o termo escotismo/escoteiro quando o assunto for a respeito do movimento a nível mundial e empregar-se-á a palavra escutismo/escuteiro aquando da pretensão de fazer referência ao Corpo Nacional de Escutas e seus respetivos associados.

Este capítulo encontra-se organizado em 4 subcapítulos. No primeiro, contextualizar-se-á o movimento escotista a nível mundial, dando a conhecer a sua origem. De seguida, no segundo ponto, far-se-á uma ligação entre o escotismo mundial e o papel do mesmo na proteção do ambiente. No terceiro subcapítulo dar-se-á a conhecer uma breve resenha histórica do Corpo Nacional de Escutas e, por fim, no quarto ponto, relacionar-se-á esta organização à proteção do ambiente dando a conhecer os projetos em vigor relativos ao mesmo.

### **2.3.1 A origem do Escotismo**

O movimento escotista teve o seu início na Ilha de Brownsea, no ano de 1907, aquando de um acampamento experimental com 20 rapazes, liderado por B.-P. (CNE, 2017). O grande e inesperado sucesso desta experiência levou a que o, na altura Capitão Baden-Powell, criasse um método autoeducativo em forma de jogo, para rapazes (Vicente, 2004). De forma a compilar esses ensinamentos, decidiu escrever o livro *Escutismo para Rapazes*.

Após o sucesso do movimento junto da camada mais jovem da população inglesa, o escotismo foi crescendo além-fronteiras e, em 1918, o Chefe Nacional dos Escoteiros gregos propõe ao fundador que se criasse um momento onde, periodicamente, se juntassem escoteiros vindos de todo o mundo. Apesar do conceito ter surgido em 1918, o 1º Jamboree só se pôde realizar em 1920 após a Primeira Grande Guerra (Reis, 2013). Esta atividade que conta com

mais de 100 anos continua, ainda hoje, a juntar escoteiros de todo o mundo, sendo que o último Jamboree, o vigésimo terceiro até à data, teve lugar nos Estados Unidos da América e contou com cerca de 45 mil associados a nível mundial (André & Coelho, 2019).

Os cerca de 57 milhões de associados (jovens, adultos e voluntários), que representam 224 países e territórios a nível global, (World Scout Bureau, 2022)<sup>3</sup> fazem com que estejamos perante uma das seis maiores organizações de jovens a nível mundial (Big 6 Youth Organizations, 2020).

O World Scout Bureau (2022), Secretariado da OMME (Organização Mundial do Movimento Escutista), assume como intuito do movimento a nível mundial que, em 2023, o escotismo seja líder mundial da educação juvenil, capacitando 100 milhões de jovens para serem cidadãos ativos e criar mudanças positivas nas suas comunidades e no mundo baseado nos valores partilhados entre todos.

### **2.3.2 O Escotismo mundial e o Ambiente**

B.-P., propunha que “o conhecimento da natureza é um passo para a compreensão de Deus” (Baden-Powell, 1974, p. 159), enaltecendo assim o carácter espiritual que se verifica em algumas Organizações Escotistas Nacionais (NSO). Percebe-se, portanto, que aos olhos do fundador do movimento a religião surgia intrinsecamente ligada à natureza e vice-versa, embora o mesmo afirmasse não aconselhar “o estudo da natureza como culto ou substituto da Religião” (Baden-Powell, 1974, p.159). Este enaltecimento do carácter espiritual e religioso foi adotado em algumas NSO, mas não está necessariamente presente em todas as organizações escotistas, fator que é explicado pela grande mutabilidade do movimento. Como salientam Block & Proctor (2009), “o que é verdade numa parte do globo é totalmente diferente noutra - mesmo dentro do mesmo país, quanto mais continente” (p. xi).

São várias as oportunidades dadas aos jovens para pôr em prática a Lei e Princípios da Promessa pelas quais se regem, de entre as quais se destaca o 6º Artigo da Lei, a nível mundial, que diz que o escoteiro deve proteger os animais (WOSM, sem data-B). Assim, dentro deste movimento, os associados têm a possibilidade de desenvolver uma cidadania ambiental ao realizar atividades onde protegem e desfrutam da natureza em acampamentos, *raids*, cozinha

---

<sup>3</sup> Segundo a *National Scout Organizations* (sem data), apenas 5 países não são reconhecidos pela OMME como tendo a existência do movimento (Andorra, Cuba, República Popular da China, República Popular Democrática da Coreia e República Democrática Popular do Laos).

selvagem, orientação, jardinagem, limpeza de áreas naturais, entre outras, transpondo a educação ambiental fornecida nas escolas que é, muitas vezes, reduzida à teoria (Granja, 2007).

De forma a criar oportunidades para os escoteiros ao redor do mundo trabalharem a favor do planeta e porem em prática a Lei pela qual juram no momento da Promessa surgiu, por exemplo, a iniciativa *Scouts for SDGs (Sustainable Development Goals)* onde, atualmente, se mobilizam cerca de 57 milhões de voluntários (World Scout Bureau, 2022) para cumprir os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) presentes na Agenda 2030.

O Chefe Embaixador do escotismo mundial, Bear Grylls, enquanto participava, pela primeira vez, na COP26 assegurou que os escoteiros de todo o mundo estão a trabalhar em benefício do planeta e que a sua presença naquele evento serve para requerer que os líderes mundiais façam também a sua parte (Grylls, 2021). A presença deste movimento em cimeiras como esta poderá, pela sua envergadura, ajudar a exercer pressão sobre os líderes mundiais para que assumam as suas responsabilidades.

Para além da participação neste tipo de cimeiras políticas, o escotismo permite aos seus jovens aprender, discutir, e fazer ouvir a sua voz sobre questões do seu interesse, reforçando o seu envolvimento nos processos de tomada de decisão em convenções dentro do próprio movimento. De uma delas, o 14º Youth Forum, saiu a proposta de convocar o órgão executivo da OMME - Comité Mundial do Escotismo – a desafiar o movimento a trabalhar pela neutralidade climática, capacitar os membros a tomar ações locais para mitigar a crise climática, encontrar parcerias com outras Organizações Não Governamentais (ONG) para melhorar a política de proteção climática, desenvolver uma estrutura para avaliar o impacto ambiental de grandes eventos escotistas, neutralizar o impacto ambiental dos eventos escoteiros mundiais até 2033 – data da próxima Conferência Mundial do Escotismo - garantir que o programa de cada NSO esteja estritamente alinhado com a neutralidade climática e os ODS, a trabalhar com os NSO para estabelecer e alcançar metas de sustentabilidade ambiciosas e incentivá-los a relatar e refletir sobre sua pegada ambiental (Ridene et al., 2021).

Em virtude de os escoteiros reconhecerem, há já muito tempo, que a crise climática é o maior desafio do século e que a juventude de hoje terá que enfrentá-la durante toda a vida, é já desde 1989 que a OMME, através do seu Comité de Pesquisa e Desenvolvimento e com o apoio financeiro da Fundação Johann Jacobs, tem vindo a procurar formas de fortalecer a dimensão ambiental do escotismo (World Scout Bureau, 2002). Também, de forma a mitigar a crise climática, foi iniciada uma cooperação com o *United Nations Environment Programme* (UNEP), que acontece desde o início dos anos 70, chegando a entidade a participar ativamente da 31ª Conferência Mundial do Escotismo em Melbourne, no ano de 1988, e a reconhecer o

movimento pelo seu papel preponderante na temática ambiental (World Scout Bureau, sem data).

É também desde 1973 que a WWF e a OMME têm sido parceiros na área da educação e sensibilização ambiental, colaborando nos últimos anos em projetos como a *Earth Hour* e *Scouts for SDGs* para mobilizar os jovens a tomar medidas e contribuir para a realização dos ODS (WWF, sem data). Ambas as entidades continuaram a colaborar para cumprir os objetivos propostos na Convenção das Nações Unidas sobre Diversidade Biológica e os ODS através de diferentes iniciativas e programas, incluindo a *Champions for Nature Challenge*, *Earth Hour*, *Scouts for SDGs*, e o estabelecimento de Centros Escoteiros de Excelência para a Natureza e o Ambiente (SCENES).

Através do *World Scout Environment Programme* (WSEP), que oferece ferramentas, recursos e iniciativas para ajudar os escoteiros de todo o mundo a trabalhar em conjunto para o bem dos locais e ambiente global (World Scout Bureau, 2009) foi criada uma comunidade global que lidera na preservação e proteção da natureza, a *Earth Tribe*. Dentro deste programa existem três desafios que podem ser concluídos pelos escoteiros. Um dos desafios que pode ser escolhido é o *Champions for Nature* que, com o apoio da WWF, prevê que os associados consigam ser capazes de conceber novas formas de melhorar os seus hábitos de consumo e das suas comunidades, descobrir mais sobre a natureza, biodiversidade e estilos de vida sustentáveis (World Scout Bureau, 2020a). Por outra perspetiva, outro dos desafios, com o apoio da Solafrica pretende que os escoteiros se capacitem e empenhem na inovação de soluções através de energias renováveis para proteger o clima com o *Scouts Go Solar* (Alassane, 2015). Finalmente, através do projeto *Tide Turners Plastic*, com a parceria da *UN Environment*, é objetivo que exista uma mudança na ação que envolve o plástico no nosso planeta e onde os escoteiros consigam compreender o impacto que os seres humanos têm no mundo quando se trata da utilização de plástico e como se pode contribuir para um mundo mais sustentável (World Scout Bureau, 2020b).

### **2.3.3 A origem do Corpo Nacional de Escutas (CNE)**

O CNE é atualmente a maior associação de juventude em Portugal, contando com um efetivo ativo de quase 72 mil escoteiros, divididos localmente por mais de mil Agrupamentos espalhados por Portugal Continental e Ilhas.

Foi na região de Braga, a 27 de maio de 1923 que nasceu, em Portugal, a primeira associação Escutista de cariz católico sob o nome de Corpo de *Scouts* Católicos Portugueses.

Pelas mãos de D. Manuel Vieira de Matos – “o promotor da associação no seio da hierarquia católica e junto do poder civil” – e Avelino Gonçalves – “o jovem estruturador e impulsionador prático do projecto” (Vicente, 2004). Em 1925 a associação passa a chamar-se Corpo Nacional de *Scouts* (CNS) e só no ano de 1934 é que se naturaliza com o nome de Corpo Nacional de Escutas, termo que perdura até aos dias de hoje (Reis, 2013). Em 1928, o CNS fixou com a AEP um acordo com vista à formação da Federação Escutista de Portugal (FEP) o que permitiu o reconhecimento internacional do CNS por parte do Bureau Mundial do Escutismo (Vicente, 2004).

Ao longo de alguns anos, o CNE passou por um período conturbado devido à transformação do Ministério da Educação Nacional, ao início da Guerra Civil Espanhola e à época Salazarista onde a Mocidade Portuguesa e Legião Portuguesa foram impostas aos jovens e respetivos chefes. Até ao ano de 1942 as associações escutistas portuguesas viveram em situação de pressão com vista à sua dissolução (Vicente, 2004) sendo que só posteriormente ao 25 de Abril de 1974 é que cessaram permanentemente os anos de alvoroço para o CNE, permitindo que a associação prosperasse e se tornasse no que ainda hoje é (Garcia, 2019).

#### **2.3.4 Corpo Nacional de Escutas e o Ambiente**

Há quem diga que os Escuteiros têm o direito e a responsabilidade de fazer parte da conversa que visa minimizar as alterações climáticas visto que aprender na natureza e aprender sobre o meio ambiente tem sido uma parte essencial do Escutismo desde o seu início (Barcena & Hossain, 2021).

Através da sua integração na comunidade local, por via do desígnio educativo da sua ação não só escutista como cristã, o CNE tem um papel social e político, ainda que não partidário, à semelhança do movimento mundial. O CNE relaciona-se com diferentes organismos públicos, uns comuns a todo o território nacional e outros de âmbito local dos quais se destacam o Conselho Municipal de Juventude, a Conferência Nacional de Apostolado de Leigos, o Conselho Consultivo de Juventude, a Confederação Portuguesa de Voluntariado e o Conselho Nacional de Juventude (Nascimento, 2018).

O CNE, como instituição católica, entende a natureza como Obra Divina, vê nela o local ideal para pôr em ação o seu método de ensino não formal, reconhece a existência de um fenómeno global pelo qual é necessário agir localmente, defende que, como movimento educativo baseado na vivência ao ar livre, “tem uma responsabilidade social acrescida na

promoção da defesa e da educação ambiental” e assegura a inevitabilidade de continuar atento às questões ambientais e à constante educação ambiental dos seus associados (CNE, 2014b).

“Nas plantas e animais da floresta o homem tem os seus semelhantes. Para os que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir a floresta é simultaneamente um laboratório, um clube e um templo.” (Baden-Powell, 1974, p.162). O Método Escutista é a forma de educar que foi criada por B.-P. que permite às crianças e jovens do movimento, segundo a Secretaria Nacional Pedagógica (2010) do CNE, ampliar os seus horizontes, explorar o mundo real através da imaginação, relacionar-se com os seus pares, interiorizar as regras sociais, incentivar “a ser cada vez mais e melhor, desafiando limites e estabelecendo novas metas a alcançar” (CNE-Secretaria Nacional Pedagógica, 2010) e criar um espaço seguro onde as crianças/jovens aprendem, erram e voltam a aprender numa dinâmica de crescimento. Para que estas finalidades sejam cumpridas foram criadas as Sete Maravilhas do Método Escutista que pretendem servir de base ao método e são elas a Lei e Promessa, Mística e Simbologia, Vida na Natureza, Aprender Fazendo, Sistema de Patrulhas, Sistema de Progressão Pessoal e Relação Educativa (CNE- Secretaria Nacional Pedagógica, 2010). Após se ter dado a 41ª Conferência Mundial do Escutismo, em 2017, foi aceite a proposta de adicionar uma oitava maravilha ao Método Escutista que é o Envolvimento na Comunidade (CNE- Secretaria Nacional Pedagógica, 2019). Cada uma destas maravilhas deve ser adaptada tendo em conta o grau de maturidade, autonomia e responsabilidade de cada criança ou jovem e de acordo com a faixa etária presente em cada secção.

Um estudo realizado por Palhares (2009), em 2001 e 2007, com Caminheiros (jovens entre os 17 e os 23 anos) revela que ao tentar identificar as principais razões que motivaram a entrada dos jovens inquiridos para o movimento se observa uma percentagem esmagadora de respostas, em comparação com as restantes, no tópico “o gosto pela natureza e pelas atividades ao ar livre” com 63,8 pontos percentuais, notando-se a já esperada propensão pela escolha do ar livre e da natureza. No que toca aos contributos que o escutismo traz à nossa sociedade para que esta se torne melhor também é feita referência à consciência ambiental e à preservação da natureza, noutra parte deste mesmo estudo.

Percebe-se também a relação que o movimento mantém com a natureza através do 6º Artigo da Lei do CNE que afirma que o “Escuta protege as plantas e os animais” (CNE, sem data-a), sendo essa uma das razões que explica a importância de ter uma maravilha que enfoque a Vida na Natureza. De facto, segundo a Secretaria Nacional Pedagógica (2010), o contacto com a natureza é uma condição imprescindível para o crescimento pessoal e coletivo dos associados e é importante que os mesmos cresçam sentindo-se parte integrante da natureza, pois só assim

é que poderão concluir que se deve zelar por ela “não apenas porque é necessário preservar os recursos naturais disponíveis, mas porque, ao cuidar dela, estão a cuidar da sua própria 'casa', ou seja, de si próprios e de todos os outros”. Este é o elemento educativo que distingue o Escutismo dos restantes na condição de educação não formal, na medida em que o ambiente priorizado para a concretização das atividades é a natureza e não um espaço fechado.

Posto isto, o documento lançado pela Secretaria Nacional Pedagógica (2010) propõe atividades que se podem desenvolver e quais são os objetivos que se devem alcançar nas diferentes idades. Por exemplo, na Expedição, composta por Exploradores (jovens entre os 10 e os 14 anos), os jovens deverão perceber que as suas ações têm impacto no mundo à sua volta e que se torna necessário reduzir as consequências nefastas para o meio ambiente devendo o explorador perceber que “pequenos gestos repetidos muitas vezes poderão fazer a diferença e que cabe a cada um, a começar por si próprio, assumir essa responsabilidade com a nossa casa – o Planeta Terra”. Já na Comunidade, composta por Pioneiros (jovens entre os 14 e os 18 anos), os mesmos devem procurar ter no seu seio pessoas sensíveis à preservação do Planeta Terra e dos seus ecossistemas, especialmente dos que lhes são mais próximos e onde a sua ação possa ser mais bem aproveitada. Por fim, no Clã, composto por Caminheiros não se espera que estes tenham apenas uma atitude de respeito para com a Obra da Criação - Natureza - mas sim que manifestem uma conduta eficiente de tentar perceber os ecossistemas e de procurar saber o que fazer, de ajudar a educar as gerações mais novas e de demonstrar comportamentos adequados de modo a diminuir a pegada ecológica de cada um.

Também as Especialidades são um modo de proporcionar às crianças/jovens oportunidades de desenvolvimento pessoal de modo a ir ao encontro da diversidade e extensão dos interesses pessoais de cada um. De entre oito Áreas existentes, destacam-se a da Natureza, Ambiente e Vida em Campo e a da Terra, Água e Ar onde existem Especialidades como, por exemplo, de Reciclador, Guarda-Rios, Zoólogo e Oceanógrafo que têm nas suas provas de obtenção assuntos relacionados com a temática ambiental (Escutismo, sem data).

Nas palavras de Granja (2007), “em certa medida, este movimento permite voltar às origens”. O contacto com a natureza leva os associados a encontrar um escape à rotina das cidades e permite a redescoberta não só da natureza como de si próprio. A cidadania ambiental é, no movimento escutista, uma prática ativa e fundamental, tal como nos mostra o estudo de Palhares (2009) quando conclui que nos jovens escuteiros a consciência ecológica e ambiental é mais acentuada, com um valor médio de importância de 4,10 valores numa escala de 1 a 5, contrastando com os 2,66 valores relativos aos jovens não escuteiros.

Nacionalmente, o CNE contou ao longo do tempo com várias parcerias, nacionais e internacionais, entre as quais o GEOTA (Grupo de Estudos e Ordenamento do Território e Ambiente), o Programa Nacional de Vigilância da Bandeira Azul, FAME (Future of the Atlantic Marine Environment), Fundação EDP e Quercus, e participou em vários projetos como o Projeto CoastWatch, Projeto Rios, Green Cork, Limpar Portugal, entre outros (CNE, 2014a). No ano de 2020, o CNE foi distinguido com o prémio “Cidadão Europeu”, que pretende evidenciar o trabalho de associações ou pessoas que incentivem a cooperação, compreensão, valores e direitos da União Europeia (Parlamento Europeu, sem data), pelo esforço feito relativo ao nível da educação e formação dos jovens para a cidadania ativa e para o desenvolvimento de competências (Santos, 2021).

José Palhares, citado em Reis (2013), ao relembrar memórias dos seus tempos de escuteiro considera que o movimento escutista a nível nacional e internacional se deixou “ultrapassar por outros grupos e/ou organizações que se impuseram em áreas em que o escutismo foi pioneiro [...], designadamente no campo pedagógico e ambiental” (p. 127). Não obstante a afirmação anterior, Palhares atesta ainda que outras organizações, como a Quercus e a Geota, que estão debaixo dos “holofotes da comunicação social, mesmo quando fazem pequenas ações ambientais” nem sempre têm um impacto tão grande quanto os 600 escuteiros, que se lembra de ter mobilizado, a participar na recolha de cerca de 250 toneladas de lixo (p. 128). Segundo ele, estima-se que tenham passado mais de 500 milhões de pessoas pelo escutismo, o que “produziu, certamente, algum impacto do ponto de vista dos valores [...] e da consciência ambiental” (p. 128).

## **2.4. Objetivos do Estudo**

Com base na revisão da literatura realizada, pressupõe-se que graças ao contacto recorrente com a natureza e biodiversidade no decurso das atividades do movimento, nasça uma ligação entre escuteiros e a vida natural, tornando-se assim mais fácil que atuem no que diz respeito não só à sua preservação como à própria resolução dos problemas que atualmente enfrenta, incentivando uma mudança de atitudes a nível pessoal.

De acordo com o estudo sobre experiências de vida significativas associadas a comportamentos e atitudes pró-ambientais, verificou-se que os líderes ambientais atribuem o seu envolvimento em ações ambientais, entre outros, ao facto de terem passado tempo ao ar livre (Arnold et al., 2009). Para os inquiridos por Arnold et al., (2009), as experiências ao ar livre, referidas em todas as entrevistas, enquadram-se em duas categorias: “(a) uma experiência

intensa de imersão no mundo natural ou programa de acampamento ao ar livre, tipicamente começando no final da infância, e (b) um contacto não estruturado e habitual com a natureza através de brincadeiras que começam cedo na infância” (p. 32), o que, mais uma vez, sustenta a tese de que os jovens escuteiros vão desenvolvendo um certo tipo de consciência ambiental.

Além disso, também se poderia pensar que a escola tivesse um papel preponderante na formação ambiental destes jovens, ainda assim, Asah et al. (2018) explicam que, por um lado, “a exposição de crianças e jovens à natureza através de programas escolares não foi um preditor significativo da literacia ambiental” (p. 826) nem de nenhum compromisso na idade adulta com atividades baseadas na natureza, e por outro, que programas não relacionados com a escola, onde se incluíam o escutismo, não tiveram, também, resultados que demonstrassem qualquer efeito no compromisso da idade adulta para com atividades baseadas na natureza ou cidadania ambiental na idade adulta. Apesar disto, é referido, à semelhança de Arnold et al., (2009), que “a participação infantil em atividades baseadas na natureza está associada a um maior compromisso comportamental com tais atividades e mais comportamentos de cidadania na vida adulta” (p. 826). Segundo Asah et al. (2018), a exploração livre pela criança parece ter mais benefícios para a criação deste compromisso do que atividades formais ou muito estruturadas. No entanto, como os participantes deste estudo apresentavam valores baixos de envolvimento em programas não relacionados com a escola, uma comparação direta de jovens escuteiros e não escuteiros pode ajudar a identificar aspetos em que estes se diferenciam.

De acordo com Coelho et al. (2015) existem evidências de que a empatia com a natureza surge de um contacto regular das crianças com o mundo natural que as rodeia. As brincadeiras informais em ambientes naturais, são regularmente descritas como “as melhores formas de envolver e inspirar as crianças e cultivar um sentimento de admiração pelo mundo natural” (p. 112). Este contacto direto e regular com a natureza possibilita que as crianças tenham experiências positivas, o que fará com que, ao longo do tempo, desenvolvam uma maior sensibilização para os problemas ambientais, tornando-as indivíduos preocupados com o mundo natural ao longo da sua vida (Coelho et al., 2015).

A pesquisa de Coelho et al. (2015) leva-os a depararem-se com o facto de que as experiências formativas que mais significado têm no desenvolvimento da consciência ambiental são “as brincadeiras livres, as caminhadas, os acampamentos e a recolha de frutos silvestres” (p. 113), o que ajuda a sustentar a tese de que o movimento escutista é um objeto de estudo a considerar.

Muitas vezes é reivindicada uma ligação entre um contacto próximo com a natureza e um sentido de respeito, cuidado e também um envolvimento ambiental ativo, como o que nos

apresenta o escutismo. No entanto, um olhar mais cuidadoso indica um padrão muito mais complicado. Segundo Sandell (1991), é necessário examinar o tipo de atividade, a profundidade do envolvimento ambiental e outras fontes de inspiração e informação para se perceber melhor qual é o papel do escutismo e de outros movimentos na consciencialização ambiental.

Desta forma, este trabalho procurará compreender melhor se e como este movimento pode ser importante para o papel dos jovens relativamente à problemática ambiental, tentando encontrar possíveis diferenças entre a sua maneira de perceber e agir, quando comparados com jovens não escuteiros. Para além de estar associado à vida na natureza, também pode ser considerado um método de educação não formal que capacita os seus jovens, através da sua pedagogia, para servirem de intermediários a diferentes grupos, tornando-os mais eficazes para consciencializar outros jovens, membros das suas comunidades e familiares (Riemer et al., 2014). Assim, é possível ver neste movimento algumas nuances que nos remetem para cidadania ambiental através da defesa do ambiente, do voluntariado e da literacia ambiental (Asah et al., 2018), aspetos que serão tidos em consideração na análise qualitativa que se apresenta nos próximos capítulos.

## CAPÍTULO 3

# Método

O presente capítulo tem como objetivo dar a conhecer as opções metodológicas que nortearam e materializaram o estudo das representações dos jovens sobre a ação ambiental e a possível relação do Escutismo Católico Português com o desenvolvimento de perceções e modos de atuar que visem proteger o ambiente, na camada jovem da sociedade portuguesa.

Este capítulo é composto por 3 subcapítulos. No primeiro subcapítulo serão apresentadas as escolhas metodológicas do estudo, o segundo tratará de explicar a forma como foram levados a cabo os grupos focais e a sua análise. Por fim, o terceiro subcapítulo examinará os resultados que derivaram da recolha dos dados.

### 3.1. Opções Metodológicas do estudo

O presente estudo foi sustentado por uma metodologia qualitativa baseada na recolha de dados com grupos focais onde foi possível identificar, através de um guião de entrevista semiestruturada (Bauer & Gaskell, 2002), “a compreensão de problemas a partir da perspetiva dos sujeitos da investigação” (Craveiro, 2007, citado em Garcia, 2019, p. 55).

Esta escolha metodológica assenta na possibilidade dos participantes terem oportunidade de expressar a sua opinião e o facto disso possibilitar ao investigador descobrir aspetos do tema estudado que são trazidos espontaneamente para a discussão e que, por conseguinte, se revelam importantes para os participantes (Wibeck, 2014). Nos grupos focais é importante permitir e “promover auto-revelação entre os participantes” (Krueger & Casey, 2009, citados em Silva et al., 2014, p. 184), sendo, também, destacado pelos autores citados que isso é facilitado quando os entrevistados se “sentem confortáveis, respeitados e livres para darem a sua opinião” (Krueger & Casey, 2009, citados em Silva et al., 2014, p. 184).

A particularidade desta forma de recolha de dados, segundo Kalampalikis & Caillaud (2013), passa pela capacidade de estruturar discussões utilizando uma variedade de ferramentas e estímulos, de modo a canalizar os debates para questões específicas de investigação. A finalidade deste tipo de pesquisa pretende, de acordo com Bauer & Gaskell (2002) “explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (p. 68) e retirar delas as justificações e fundamentações dos entrevistados, o que corresponde ao pretendido neste estudo.

De acordo com Silva et al. (2014), as fases subjacentes à escolha dos grupos focais, enquanto método de obtenção de dados são o planeamento, a preparação, a moderação, a análise dos dados e a divulgação dos resultados. Relativamente à primeira fase, os autores revelam ser necessário responder a questões como as que se enunciam: “Quais são os objectivos orientadores da realização do projecto de investigação em geral e do focus group, em particular? Qual a estrutura do guião de entrevista? Quem deverão ser os participantes? Qual o tamanho desejado para os grupos? Quantos grupos?” (p. 180). Na segunda fase, os objetivos passam por recrutar participantes e escolher o local adequado para que se possam conduzir as entrevistas. Para os autores citados, os participantes deverão ser diretamente informados sobre os objetivos do estudo e as regras de participação do mesmo, incluindo o tempo estimado e a sua duração. A recomendação dada relativamente ao local das entrevistas prima pela acessibilidade e conforto proporcionado aos participantes bem como o compromisso pela confidencialidade da informação gerada. De seguida, é na terceira fase que se dão as entrevistas, onde os moderadores se devem abster de “emitir julgamentos” e devem “questionar, ouvir, manter a conversação no trilho e certificar-se que cada participante tem oportunidade de participar” (Silva et al., 2014, p. 184). Uma vez recolhida a informação, dá-se a fase da análise de dados que, segundo os autores Bloor et al. (2001), se pode dividir em três etapas: “i) codificação/indexação: [...] processo de atribuição de categorias [...] reflectindo [...] temas presentes no guião bem como os novos que emergiram da discussão dos grupos; ii) armazenamento/recuperação: [...] compilação de todos os extractos do texto subordinados à mesma categoria de modo a poder compará-los [...]; iii) interpretação: [...] análise sistemática dos dados” (Silva et al., 2014, p. 185). Por fim, a última fase referida por Silva et al., (2014) resulta da divulgação dos dados.

Em suma, a melhor técnica para satisfazer os objetivos desta pesquisa é a qualitativa através da constituição de grupos focais, uma vez que, permite analisar as opiniões, conhecimentos e outros temas que sejam trazidos de forma espontânea, pelos inquiridos.

### **3.2. Participantes e Procedimento**

Antes de serem conduzidas as sessões dos grupos focais, foi submetido à Comissão de Ética do ISCTE um formulário onde constou o plano de estudos e os seus instrumentos, aprovados segundo o Parecer 15/2022, que assegurou que estes satisfizeram os requisitos éticos exigidos pela Comissão neste tipo de projetos de investigação.

No total, foram realizados 6 grupos focais, cada um com 5 participantes, perfazendo um total de 30 jovens com uma idade média de 20.6 anos (entre 18 e 24 anos), onde a maioria dos participantes eram raparigas (76.7%). Ressalva-se que «a definição operacional e as variantes do termo “juventude” variam de país para país, dependendo de fatores socioculturais, institucionais, económicos e políticos» (Nações Unidas, 2019), assim sendo é inverosímil chegar a uma conclusão certa relativamente às idades que o termo ‘jovem’ compreende, daí a liberdade utilizada na escolha do limite etário apresentado.

O recrutamento dos participantes sem qualquer envolvimento em associações ambientais foi feito por intermédio de uma plataforma de recrutamento de participantes do Laboratório de Psicologia do ISCTE, enquanto os participantes do Escutismo Católico Português foram identificados maioritariamente por meio de contactos pessoais da investigadora. Os critérios de seleção e exclusão dos participantes neste estudo foram: i) ter idade entre os 18 e os 26 anos; e ii) metade dos participantes não podem ter feito parte de nenhuma organização/associação que explore questões ambientais. Os restantes têm, obrigatoriamente, de ser ou ter sido escuteiros do CNE.

Foram conduzidas 3 categorias de sessões. Duas sessões englobaram apenas jovens sem qualquer envolvimento em organizações de foro ambiental, outras duas receberam jovens que pertencem, ou pertenceram, ao CNE e, finalmente, as outras duas sessões foram mistas, isto é, com elementos sem ligação a nenhuma organização ambiental e com elementos do CNE. No total, a percentagem de escuteiros do CNE a participar do estudo foi de 46.7.

Cada grupo focal reuniu-se uma vez e as discussões duraram entre 90 e 120 minutos. Antes de se dar o início de cada entrevista foi lido o consentimento informado, que garantia aos participantes os seguintes direitos: i) possibilidade de desistir, a qualquer momento, da participação no estudo; e ii) garantia de que o seu anonimato e confidencialidade serão sempre respeitados, ao longo de todo o estudo.

Foi utilizado, em todos os grupos, um guião para conduzir cada entrevista, de forma semiestruturada. Conforme Bauer & Gaskell (2002), este estilo de recolha de dados compreende uma vertente estruturada, com questões preestabelecidas, e uma vertente espontânea, que parte da observação comportamental dos entrevistados. Foi proposto a cada grupo, numa primeira parte, responder a questões relacionadas com temas relativos às principais preocupações dos jovens, ao estado do clima em Portugal, aos principais obstáculos para ter uma vida ativa em termos ambientais, à consciencialização dos pares para esta problemática, entre outros conteúdos relacionados com o meio ambiente e a perceção dos jovens em relação às alterações climáticas. Na segunda parte, foi realizado um pequeno

exercício, onde foram exibidas duas fotografias da ativista Greta Thunberg e colocadas questões a respeito da forma de agir da mesma no que concerne à luta climática (Anexo A). Os grupos focais tiveram lugar numa sala virtual da plataforma ZOOM e as sessões foram devidamente gravadas, com o consentimento de cada participante.

Os dados que daí advieram foram transcritos verbatim e, por fim, submetidos a uma análise de conteúdo, cuja finalidade é “efectuar inferências [...] sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas” (Vala, 1986, p. 104). Utilizou-se o Nvivo, um *software* de análise de dados qualitativos, de forma a se criar um sistema de categorias para codificar os dados que foi desenvolvido através de uma técnica chamada codificação emergente onde se geraram categorias de codificação para cada um dos temas encontrados (Stemler, 2015). Neste processo, as transcrições foram sujeitas a várias leituras para se obter uma compreensão alargada dos dados de forma a identificar e registar quaisquer tendências interessantes que fossem evidentes. Em segundo lugar, os dados foram codificados para isolar eventos significativos e relações usando o processo de codificação. O tema foi tomado como unidade de análise e as secções das respostas dos participantes que se referiam ao mesmo tema foram agrupadas (dependendo dos casos, podemos estar perante uma frase inteira ou uma citação completa). Este processo foi essencial, pois possibilitou a identificação dos temas mais relevantes que surgiram nos grupos focais. À medida que novas perspectivas foram surgindo, os códigos iniciais foram continuamente aprimorados e alterados, quando necessário. Este procedimento permitiu a identificação de 32 categorias (Quadro 3.1) que foram nomeadas de modo a refletir o conteúdo dos temas nelas incluídos.

A fim de assegurar a qualidade do sistema de categorias, optou-se por uma estratégia que avaliasse a objetividade da classificação a partir de um grau específico de concordância entre dois elementos avaliadores (Fonseca et al., 2007). Assim sendo, dois juízes avaliaram de forma independente 42 excertos recolhidos das sessões (selecionados aleatoriamente). O valor do acordo inter-juízes assegurou um nível de fiabilidade muito adequado para as categorias definidas ( $k$  de Cohen = .80).

### Quadro 3.1

<i>Categorias</i>	<i>Tema</i>	<i>Categorias</i>	<i>Tema</i>
1) Conhecimento em relação à problemática		18) Ambiente no Escutismo	Importância do Ambiente no Escutismo
2) Consciencialização	Consciencialização Ambiental	19) Consciencialização para o Ambiente - Escutismo	
3) Consciencialização (Esfera Privada)		20) Conhecimento do Escutismo	Escutismo
4) Consciencialização (Esfera Pública)		21) Religião no Escutismo	
5) Dificuldades por ser Jovem		22) Associações	Associativismo
6) Perceção das próprias ações	Preocupações e limites ao papel dos jovens	23) Associativismo	
7) Preocupações dos Jovens		24) Papel das Grandes Empresas/Governos	
8) Sentimentos em relação às mudanças climáticas		25) Papel das outras gerações	Atribuição de funções
9) Ação em Grupo	Preferências para agir	26) Papel dos pares e família	
10) Ação Individual		27) Papel dos Jovens	
11) Ações pró-ambientais	Exemplos iniciativas ambientais	28) Dificuldades para ser pró-ambiental	Aspetos negativos
12) Outras iniciativas		29) Problemas em Portugal	
13) Greta		30) Outros assuntos de destaque	Outros assuntos
14) Não sabem quem é a Greta	Conhecimento da Greta Thunberg	31) Assuntos não Debatidos	
15) Sabem quem é a Greta		32) Aspetos Positivos	
16) Relação com a Natureza			
17) Relação entre contacto com a natureza e comportamentos pró-ambientais	Papel da Natureza		



## **Análise dos Resultados**

Esta análise surge como produto do olhar crítico que pretendeu dar resposta às questões de pesquisa que foram estabelecidas no início deste trabalho. Tentou-se, desta forma, identificar a perceção dos jovens relativamente às alterações climáticas e às questões de proteção da natureza e sustentabilidade ambiental; apresentar o modo como os jovens já operam quando se trata de assuntos climáticos; e discernir se existem diferenças perceptíveis relativamente à forma de lidar com os problemas climáticos de jovens que pertencem ao CNE e de jovens que nunca tiveram contacto com qualquer tipo de associações ambientais. Para uma melhor perceção dos resultados far-se-á uma clara distinção entre participantes escuteiros e não escuteiros e entre grupos focais que tenham escuteiros, que não os tenham ou que sejam mistos. Ao longo da análise serão referenciadas as categorias (Quadro 3.1) mais relevantes para responder a cada questão de pesquisa.

### *Perceções sobre as alterações climáticas*

Em primeiro lugar, procurou-se caracterizar a relevância que as mudanças climáticas tinham para os inquiridos. Para tal, foram analisadas as respostas à primeira pergunta colocada aos entrevistados, sobre o que seriam as suas atuais preocupações, colocada qualquer referência ao tema ambiental de forma a não influenciar a resposta dos participantes. A este nível, tanto os escuteiros como os não escuteiros apresentaram um discurso muito similar, indicando que as principais preocupações dos jovens (Categoria 7) passam pela dificuldade em obter estabilidade económica, no futuro, o receio de não conseguirem arranjar emprego e o estado da sua saúde mental. Os testemunhos de dois participantes tornam este aspeto explícito:

*E (não escuteiro): “O facto de olhar para um jovem, ou jovens que são só um bocadinho mais velhos que eu e não conseguem estabilidade na vida e não conseguem ter um emprego que lhes permita por exemplo ter uma casa própria, de qualidade, ou ter a... ou começar a formar família ou começar a... sei lá, eu penso em jovens que já trabalham há anos e continuam a viver em quartos, em Lisboa” (Grupo 1 – sem escuteiros)*

*R (escuteiro): “Acho que é uma das grandes preocupações dos jovens nos dias de hoje que é a, a sua saúde mental e também aquilo que foi referido a... da nossa, do nosso futuro nosso futuro embora estejamos a trabalhar ele agora nos nossos cursos nós não temos*

*grande certeza dele, no futuro não sabemos se o mercado de trabalho será mais favorável a nós, se... toda todos estes problemas que já não são atuais poderão atenuar ou piorar. Acho que esses são os principais problemas para nós enquanto jovens” (Grupo 4 - misto)*

O aquecimento global foi referido, de forma espontânea, como sendo uma preocupação dos jovens por apenas uma pessoa, não escuteira. Ao serem inquiridos do porquê de as alterações climáticas não serem um assunto que sentiram necessidade de especificar, apontaram como explicações para não referirem esse tópico o facto de este ser um assunto que não afeta o seu futuro de forma imediata como, por exemplo, a falta de emprego e o facto de não se lembrarem desse acontecimento visto que só se recordam dele quando realmente são obrigados, por fatores externos, a prestarem-lhe atenção, como demonstrado nos exemplos que se seguem:

*N (não escuteiro): “claramente que é uma preocupação, mas a partir do momento em que não é uma coisa tão visível, palpável e observável acho que fica mais escondida essa preocupação em comparação com o mercado de trabalho” (Grupo 3 – sem escuteiros)*

*G (não escuteiro): “na vida do quotidiano não é algo de que nós ouçamos falar com tanta frequência, por isso, às vezes apesar de ser uma preocupação quando é falado, quando nos deparamos com o problema, por exemplo, quando chove de repente ou quando vemos a... imagens de cheias ou de secas” (Grupo 2 - misto)*

A estes exemplos, acrescenta-se a referência feita à guerra na Ucrânia e, anteriormente a isso, à pandemia causada pela COVID-19. Estes dois eventos insólitos e inesperados pela população a nível mundial, suplantaram, na opinião de alguns participantes, as questões ambientais que tiveram mais mediatização alguns meses antes.

*AA (escuteiro): “o problema é que também [...], como a EE disse, aconteceram eventos extremamente ofuscantes que fizeram com que esta necessidade de sustentabilidade tenha caído um bocadinho mais no esquecimento.” (Grupo 6 – escuteiros)*

De uma forma geral, percebeu-se que todos os jovens sentem que as mudanças climáticas são, efetivamente, uma preocupação que os deixa, entre outros, ansiosos em relação ao futuro, angustiados por não saberem como resolver o problema e assustados pois sentem que não têm poder suficiente para realmente mudar alguma coisa, ainda que alguns tenham expressado um sentimento de esperança no futuro.

*L (não escuteiro): “E quando vejo aquelas imagens então chocantes que é o mar, entre aspas, a vomitar lixo todo que nós depositamos é, é mesmo assustador” (Grupo 3 – sem escuteiros)*

*E (não escuteiro): “sobre as questões climáticas é uma coisa que me preocupa, mas que eu também tenho esperança que... que é uma coisa que é possível mudar no mundo e que juntamente com as outras coisas nós... a... tenho esperança que é uma coisa que conseguimos, havemos de conseguir transformar um dia.” (Grupo 1 – não escuteiros)*

Apesar de um sentimento derrotista ter sido expresso, os jovens mostraram-se preocupados e dedicados ao combate da problemática. Desta forma, apresentam-se as seguintes referências feitas ao tema de ações individuais.

#### *Ações Individuais*

Ao longo das entrevistas, os inquiridos foram referindo que sentem que aquilo que fazem em prol do ambiente é, nas suas palavras, “o básico”. Os exemplos de ações pró-ambientais (Categoria 11) referidos pela maioria são apanhar o lixo do chão, fazer a reciclagem, poupar água, desligar as luzes, reduzir o consumo de plástico, reutilização de sacos para usar nas compras e dar preferência aos transportes públicos ou andar a pé. Foram também abordados, ainda que de forma menos regular, a redução do consumo de carne, a preferência por comida vegetariana, a utilização de copo menstrual ou de pensos higiénicos de pano e a preferência pela compra de roupa em segunda mão.

*I (não escuteiro): “Uma das coisas que eu faço para poupar água, eu tenho uma banheira então e às vezes demora para aquecer a água que eu faço é por um balde por baixo da torneira enquanto está frio para depois usar a... pronto na sanita em vez do autoclismo. (Grupo 2 – misto)*

*C (não escuteiros): “tento procurar por exemplo alternativas vegans ou vegetarianas mesmo não sendo vegan ou vegetariana” (Grupo 1 – não escuteiros)*

A perceção que estes jovens têm das próprias ações (Categoria 6) acaba por ser muito idêntica. Creem que as ações que têm são muito simples e que não influenciam muito a situação, mas, ainda assim, fazem um esforço para as ter.

*“AA (escuteiro): Sinceramente até me sinto envergonhado de dizer isso, mas não, não acho que faça nada em prol do ambiente para além de apanhar lixo do chão.*

*EE (escuteiro): Se calhar fazes mais do que pensas porque às vezes para nós há cenas básicas como, por exemplo, não abrir água o tempo todo quando estamos a lavar os dentes que para outras pessoas isso é, tipo, bué normal, ou seja, estão, estão a abrir a... estão a lavar os dentes, abrem a água, ou seja, a mesma coisa a tomar banho, banho de banheira. Portanto, eu acho que são essas pequeninas coisas como nós já fomos ensinados desde muito pequenos que, que são o correto para fazer em prol do ambiente que às vezes até nos passam ao lado que as fazemos tão naturalmente que acabamos por as fazer.” (Grupo 6 – escuteiros)*

Ao contrário do que seria de esperar, depois da fraca referência feita às alterações climáticas como preocupação dos jovens, os inquiridos demonstraram ter algum conhecimento específico sobre a problemática (Categoria 1). O facto de abordarem temáticas como o “*encerramento de refinarias e de coisas em Portugal com montes de trabalhadores que até foram despedidos*” (Participante E, não escuteiro – Grupo 1 sem escuteiros), da plantação de eucaliptos no Pinhal de Leiria que levanta um debate sobre a sustentabilidade dos solos “*porque não se quer estragar o solo para preservar as gerações futuras*” (Participante AA, escuteiro – Grupo 6 escuteiros) e demonstrarem que adquiriram outros conhecimentos através dos noticiários ou até das redes sociais, ajuda-nos a perceber melhor qual a perceção que os jovens têm relativamente ao tema e qual o seu nível de literacia ambiental (Asah et al., 2018).

*AA (escuteiro): “Aliás eu lembro-me agora que também li uma notícia há uns tempos atrás que dizia que as reservas, os reservatórios de água que estão na zona do rio Tejo já estão praticamente todos poluídos e que se não for nada feito nós não conseguimos ter a... água a... água, água para beber” (Grupo 6 – escuteiros)*

*BB (escuteiro): “Eu acho que o maior problema que Portugal tem, neste momento, é a falta de planeamento energético. Passo a explicar a... pelo menos que eu tenha conhecimento não existe um plano estruturado a... a longo prazo [...]. [A Central Termoelétrica de Sines] foi fechada quase do dia para a noite a... que estava a produzir energia, ou seja, Portugal na, na esperança de, de tirar uma fonte, acho que era a carbono, posso estar aqui muito enganado, mas pronto, não, não era uma fonte renovável pelo menos, neste momento estamos a ir comprar [...] eletricidade a Espanha”. (Grupo 6 – escuteiros)*

*Q (não escuteiro): “eu não vejo muita televisão [...] mas passo muito tempo nas redes sociais então de certa forma já estou mais atualizada graças a isso, mas conversar com outras pessoas que não se, não se atualizam só pelas redes sociais, televisão, pelas notícias*

*e outras se atualizam pelo jornal, por exemplo, ajuda a termos vários pontos de vista, a termos noção de vários problemas” (Grupo 4 – misto)*

Esta literacia ambiental, como sugerido pela literatura, pode estar ligada ao contacto que estes jovens têm com a natureza. Assim sendo, demonstra-se que tipo de relação têm estes jovens com a natureza.

#### *Relação com a natureza*

Outro tema abordado foi a relação que estes jovens têm com a natureza (Categoria 16) e se a mesma influencia, ou não, as suas ações na sua proteção (Categoria 17). Para a maioria dos entrevistados a natureza significa paz, tranquilidade, ponto de refúgio, algo que devem respeitar e preservar, sendo que alguns deles entendem a sua relação com a natureza como algo forte e estável e sentem que, apesar de viverem na cidade, conseguem estabelecer uma relação positiva com a natureza.

*G (não escuteiro): “reforço que apesar de não saber bem como descrever a natureza reforço que sem dúvida é um ponto de paz e de equilíbrio e acho que nós também fazemos parte da natureza, portanto não faz sentido nenhum nós não a preservarmos ou não a respeitarmos” (Grupo 2 – misto)*

Houve apenas um participante que respondeu que não tinha qualquer relação com a natureza:

*Q (não escuteiro): Eu não me sinto nada ligada à natureza não consigo bem, não consigo bem explicar, por exemplo, quando eu leio alguma coisa acerca de natureza eu acho interessante, mas não me consigo bem relacionar. Eu por exemplo moro muito, muito, muito, muito perto da praia, a 5 minutos da praia, e eu acho que isso leva um bocado à minha falta de ligação porque está tão próximo de mim que eu acho que desvalorizo. (Grupo 4 - misto)*

Esta interação com a natureza, de acordo com os participantes, faz com que estes se sintam mais conscientes para a sua proteção também devido à maior perceção que têm do seu desgaste e do impacto direto que as suas ações podem ter. Alguns jovens referiram também que devido a fatores externos estão mais afastados da natureza e isso influencia a maneira como percecionam os problemas ambientais.

*“M: Pegando na, na pergunta que eu fiz à EE achas que, que esse, que esse afastamento acaba por prejudicar o os teus pensamentos pró-ambientais?”*

*DD (escuteiro): Ah, claro que, claro que sim porque é aquela coisa como eu não estou na natureza para ver como é que... como é que está a situação eu nunca vou ter aquela sensação de 100% correto se, se as coisas vão bem ou se as coisas vão mal.” (Grupo 6 – escuteiros)*

O contacto recorrente com a natureza promove, de acordo com a literatura, um aumento da consciência ambiental. No entanto, o efeito de fatores externos, como por exemplo a influência social, também devem ser tidos em consideração. À vista disso, apresenta-se o papel dos pares e de outras gerações perante os jovens e as questões ambientais.

#### *Influência social – por pares e intergeracional*

A interferência dos pares e da família (Categoria 26) na consciencialização dos jovens para as ações pró-ambientais e vice-versa permite-nos perceber, de forma mais aprofundada, quais são as bases que ajudam estes jovens a agir em assuntos climáticos. A influência, a motivação e a abertura que têm com quem está mais próximo de si, acaba por facilitar a adoção de condutas em prol do ambiente, de ambas as partes. O facto de terem amigos com quem partilhar experiências ou familiares que se predispusessem a viabilizar comportamentos pró-ambientais, nomeadamente fazer a reciclagem ou acompanhar na redução do consumo de carne, contribui para que estes jovens possam ter um papel mais ativo na mitigação da problemática, tal como salientam Asah et al. (2018) e Collado et al. (2017).

*U (não escuteiro): “nós gostamos sempre de nos... de pertencer a algum sítio e gostamos sempre e... e gostamos sempre de nos sentir bem. Acho que enquanto grupo dá para nos apoiarmos uns aos outros dá, há ali uma sensação de que está toda a gente a partilhar do mesmo objetivo” (Grupo 4 – misto)*

*X (escuteiro): «mas eu sinto que em termos motivacionais, como já foi dito, o coletivo é muito, é muito mais forte porque, por exemplo, nos grupos de amigos, [...] se eu vir um amigo meu a tirar uma cena para o chão é logo “olha mano, apanha isso já”. E é uma cena que tipo podemos dar na cabeça uns dos outros e assim também é muito mais fácil eu, eu sinto pelo menos que é muito mais fácil eu manter-me no meu objetivo se eu tiver malta comigo do tipo “olha não faças isso”» (Grupo 5 - escuteiros)*

Apesar deste sentimento de pertença e de facilidade na conduta ambiental quando suportados por terceiros é, ainda, relevante salientar que, para certos os entrevistados, este também pode ser um fator de frustração devido à sensação de que as gerações mais velhas não estão tão recetivas à mudança, o que gera desconforto e cansaço. Existiram também referências ao facto de sentirem uma grande pressão, enquanto jovens, para resolver esta questão enquanto as gerações mais velhas (Categoria 25) não fazem esforços no que diz respeito à luta climática, nem se deixam ser consciencializadas.

*H (não escuteiro): “[...] apesar de eu muitas vezes com os meus pais sentir que é uma luta (riso) um bocadinho perdida” (Grupo 2 – misto)*

*W (escuteiro): “Eu acho que é a para mim passa um bocado por, por tipo cansar-me de estar a tentar dizer a... por exemplo, na minha família de estar sempre a dizer à, à minha mãe, aos meus avós ou assim, por exemplo, quando vão às compras trazem sempre um saquinho de plástico para cada fruta (riso)” (Grupo 5 - escuteiros)*

Ainda que alguns participantes reconheçam que o papel dos jovens (Categoria 27) é um fator positivo devido à motivação que os impele a tomar medidas e a facilidade e rapidez com que chegam a informações importantes e que os tornam mais conscientes das adversidades que enfrentam, os dados mostram que não só constatam que a mudança de atitude das gerações mais velhas é um obstáculo como sentem que a sua própria idade é vista como um fator discriminatório.

*K (não escuteiro): “porque por um lado somos jovens e temos todas as capacidades para agir, mas depois a... pronto temos um pouco de preconceito porque ainda somos muito novos, não sabemos o que é que estamos a dizer, não sabemos o que é que estamos a fazer.” (Grupo 3 - sem escuteiros)*

Efetivamente, apesar da maioria sentir um fraco apoio por parte das gerações mais velhas, a maioria revê-se na perceção de que o papel dos jovens face à problemática reside na força de vontade que os leva à luta pela mitigação das alterações climáticas.

*Y (escuteiro): “a nossa, as nossas geração têm, têm bastante preocupação com esse tema mas estamos rodeados de pessoas mais velhas que não querem saber porque a eles não lhes vai fazer diferença, não vão viver num mundo, vá, que sofra mais com, com as alterações climáticas” (Grupo 5 – escuteiros)*

Depois de se perceber qual o nível de influência que terceiros exercem nos jovens, torna-se relevante referir qual a importância que os jovens dão às ações em grupo.

### *Ações em Grupo*

O compromisso e motivação a que se referem quando se trata de ter uma ação em grupo (Categoria 9) é um claro indicativo de que estes jovens, na sua totalidade, preferem agir em grupo a agir de forma individual.

*L (não escuteiros): “é em grupo que a mensagem vai passando mais facilmente, é em grupo que conseguimos limpar mais... mais sítios que estejam com lixo a... é muitas pessoas a fazer a mesma coisa que faz a diferença. Portanto, individualmente será muito difícil alcançar mudanças sim.” (Grupo 3 – não escuteiros)*

*V (escuteiro): “Eu acho que é mais fácil a ação em grupo tanto em termos motivacionais como em termos de trabalho produzido. Em que, por exemplo, o trabalho que eu vejo ser produzido por mim numa hora, num determinado sítio se calhar não é tão satisfatório ou [...] tipo, em termos de recompensa do que se calhar ter um grupo de 15 ou 20 pessoas e depois no final ao olhar se calhar para uma determinada coisa, tipo, ‘uau, ok, eu fiz isto apesar de ter sido em grupo’, portanto, tanto no plantar árvores ou assim, ou seja, o impacto que, se calhar, é muito maior, o que, se calhar, motiva também mais para voltar a repetir.” (Grupo 5 – escuteiros)*

Foram referidos como motivos preferenciais à ação em grupo: o maior nível de impacto que as ações acabam por ter, derivado do maior número de pessoas que trabalham para o mesmo objetivo; a motivação e apoio que o grupo dá; e o sentido de compromisso partilhado por todos. Não obstante, alguns consideram que a ação acaba por partir do posicionamento individual, visto que *“se as pessoas efetivamente por si só não quiserem mudar não vão mudar”* (Participante D, não escuteiro – Grupo 1 sem escuteiros).

Um exemplo de ação como parte integrante de um grupo que luta pelos mesmos objetivos ambientais é o associativismo. Em virtude disso, de seguida apresenta-se o tema referente ao associativismo ambiental, onde surgem referências a algumas organizações. O escutismo surge como uma destas organizações, ainda que não tivesse sido diretamente referenciado pelos participantes.

Ainda relacionado com o papel do grupo face ao individual, surge o tema do associativismo (Categoria 23). De uma forma geral, os participantes expressaram a opinião de que, para eles, seria mais fácil ter um papel mais ativo pela luta climática se pertencessem a algum tipo de organização. As razões que apresentam para isso foram as já enumeradas em relação ao agir em grupo e juntam-se, ainda, a facilidade de conhecer e participar em atividades de voluntariado ambiental (Asah et al., 2018) previamente organizadas por essas associações às quais outrora não teriam acesso e o sentimento de que as suas inquietações são ouvidas. É também referido pelos jovens o papel benéfico que estas organizações têm, principalmente devido à reputação da organização, que faz com que os pedidos da mesma sejam atendidos ou, pelo menos, considerados e o vasto leque de recursos aos quais têm acesso. Reconhece-se que, apesar de muitos não saberem nomear nenhuma organização em específico, tinham conhecimento de que elas existiam. As organizações (Categoria 22) referenciadas pelos participantes foram a Climáximo, Greenpeace, Partido Ecologista – os Verdes, Oceano Azul, Bandeira Azul, WWF, UNESCO, Greve Climática Estudantil e a Liga para a Proteção da Natureza.

*F (escuteiro): “a Liga para a Proteção da Natureza que eles têm uma sede nacional e eles, por exemplo nós nos escuteiros utilizamos isto que foi nós queríamos limpar uma praia aqui em Sintra eles deram-nos todos os meios para, para isso” (Grupo 2 – misto)*

*I (não escuteiro): “Eu não conheço nenhuma em específico, sei que existem ONG também como como disse a G só que também não estou muito a par do assunto.” (Grupo 2 – misto)*

*X: (escuteiro): “Eu sinto que é bastante na mesma veia daquilo que já disseram aqui que é tentar reduzir o plástico, fazer reciclagem em casa a... tentar andar a pé o máximo que conseguir para coisas perto e a... sinto também que depois, coisas ocasionais é, por exemplo a... geralmente é que com os escuteiros ou coisas assim que se faz serviço a, a apanhar lixo a... tipo a fazer coisas assim desse género, ir à praia apanhar lixo, já apanhámos lixo na nossa comunidade, coisas assim.” (Grupo 5 – escuteiros)*

Relativamente ao escutismo, neste estudo, salienta-se que o conhecimento dos participantes não escuteiros (Categoria 20) se baseia muito no facto de saberem da existência do movimento, mas não terem mais informação que lhes permitisse relacioná-lo à temática. Aqueles cuja familiaridade lhes permite saber algo mais, referem que a proteção do ambiente é, efetivamente algo que lhes é característico embora não seja reconhecido como sendo o foco principal.

*C (não escuteiros): “Por acaso nem pensei em termos de, de deles com movimento, mas, mas pronto agora reparando e lembrando-me de algumas práticas que já me disseram também tem essa questão do respeito pela natureza e tudo mais [...] eu não quero estar a... soar depreciativa nem nada, mas acho que acaba por ser uma parte um bocado mais diminuta do movimento” (Grupo 1 – não escuteiros)*

*I (não escuteiro): “Eu não associei porque pronto eu sempre vi o escutismo e os escuteiros como sendo um grupo pronto, um grupo que praticava a caridade e tal a... pois é eu nunca liguei essas ideias porque aquilo era uma coisa tão natural, tão inconsciente que eu nunca pensei desse modo. Mas sim vendo as coisas assim, faz muito sentido claro.” (Grupo 2 – misto)*

Ainda assim, foram feitas várias referências ao ambiente (Categoria 18) em correlação com o escutismo, não só por parte dos participantes escuteiros, que deram exemplos de atividades escutistas que desenvolveram, como de alguns participantes que mencionaram que já tinham visto escuteiros a praticarem ações em prol do ambiente.

*R (escuteiro): “Mas voltando a... aquele livro que eu falei já no, no início “A Caminho do Triunfo” que tinha o capítulo sobre a natureza foi escrito pelo fundador do escutismo, Baden-Powell, a... e ele já desde o início do escutismo que já demonstrava uma grande preocupação com o ambiente” (Grupo 4 – misto)*

*P (não escuteiro): “Eu nunca fiz nada de escuteiros, mas eu acho que uma vez eu estava na praia e via-os a limparem a praia” (Grupo 3 – sem escuteiros)*

Uma vez que o CNE é a vertente do movimento escutista escolhida para ser estudada é crucial perceber a opinião dos escuteiros entrevistados relativamente ao tema que a torna díspar, a religião. Para os inquiridos, o facto do CNE ser um movimento de escuteiros católicos (Categoria 21) não influencia muito a sua perceção das causas ambientais e até existem referências aos escoteiros dos AEP que, ao não terem de ir à missa, podem ter mais tempo que se reverte em mais contacto com a natureza. Apesar de defenderem que, por si só, a religião não muda a sua visão enquanto escuteiros, acabam por admitir que o facto de pertencerem a um movimento católico acaba por guiar as diretrizes vividas pelo próprio movimento, que está ligado à Igreja.

*Z (escuteiro): Eu acho que não, eu acho que os escoteiros [AEP] também têm, têm super cenas com sustentabilidade e não estão ligados à religião, por isso... Acho que não tem muito a ver. Pode sim ter a ver com a parte também na Igreja dizerem que temos que proteger as plantas e os animais porque está escrito no Primeiro Livro [Bíblia] e blá, blá, blá mas acho que não tem muito a ver porque tem a ver com o individual, tem a ver com a pessoa em si.” (Grupo 5 – escuteiros)*

*AA (escuteiro): “Eu gostava de partilhar uma coisa a... eu não acho e isto vai, pode, pode soar como algo controverso eu não acho que a religião seja uma coisa que influencie a educação ambiental pelo simples facto de que todas as religiões dizem que devemos respeitar o ambiente, não é o cristianismo que é diferente” Grupo 6 – escuteiros)*

Um exemplo de associativismo é o do movimento FFF, criado pela ativista Greta Thunberg, que juntou e continua a juntar milhares de jovens pela causa ambiental. Assim, de seguida, será relatada a opinião dos jovens entrevistados sobre o caso de Greta.

#### *Greta Thunberg e Ativismo*

Com estes exemplos, surgiram algumas referências ao papel que a estudante Greta Thunberg (Categoria 13) teve ao fazer-se ouvir junto das mais altas instâncias a nível mundial. Ainda antes de ter sido feito o exercício que iria referenciar Greta, surgiram várias menções à estudante e às medidas que tinha tomado.

*C (não escuteiro): “na altura que explodiu (fez aspas no ar) a questão da greve climática que... que houve mesmo uma paragem efetiva por exemplo nas aulas a... eu, eu participei por exemplo em, na organização de... de cartazes lá para a minha escola, fiz a... tive a questão de... de estar ausente das aulas nesse dia” (Grupo 1 – sem escuteiros)*

A realização do exercício referente à ativista, mostrou que dos 30 inquiridos apenas 2 não reconheceram as fotografias mostradas. Embora quase todos os jovens soubessem o nome de Greta, o conhecimento que tem relativamente às ações que tem tomado é limitado e remonta à época em que a Greve Climática Estudantil surgiu. Os jovens recordam o facto de ela escolher o barco como meio de transporte sustentável para se mover, algumas das suas intervenções e o discurso que deu na ONU. Ainda que, na maioria, os jovens não tenham um conhecimento aprofundado sobre a ativista, concordam que ela conseguiu influenciar muitos, com os seus discursos.

*K (não escuteiro): “Eu acho realmente que ela consegue inspirar muita gente. Não sei também em concreto quais são pronto os temas realmente que ela defende mais acho que pronto... toda a gente a... pronto a admira. (Grupo 3 – sem escuteiros)*

Se, por um lado, os jovens acham que ela é um bom exemplo e que as suas atitudes tiveram impactos positivos, especialmente porque chamou a atenção dos líderes políticos a nível mundial, por outro acham que o facto de ter criado um movimento onde os alunos faltam às aulas todas as sextas-feiras pode ser um pouco contraproducente – *“todas estas coisas para o futuro mas o futuro também está a ser condicionado pelos próprios estudantes porque estão a faltar às aulas do dia de hoje, não é, dia de hoje às sextas-feiras” (Participante N, não escuteiro – Grupo 3 sem escuteiros)*. O facto de terem acontecido eventos colossais a nível global, foi também uma razão que surgiu como explicação para o não conhecimento e esquecimento das medidas que tomou.

*X (escuteiro): Eu sinto que, por exemplo a... eu não sinto que esteja vá, obsoleto as medidas dela [Greta] sinto que... também devido à pandemia e coisas assim, quando ficámos confinados, houve um dispersar daquele ideologismo ou daquele, daquele tipo daquela cena de ir todas as sextas-feiras, não ir à escola ou uma cena assim, tipo, aquilo que estava a fazer que era fazer-se ouvir” (Grupo 5 - escuteiros)*

Também foi reforçado que nem todos os jovens têm a capacidade de lutar pelo clima na mesma medida que ela o faz e que o facto de ela se focar num ativismo a nível global pode fazer com que as medidas climáticas a nível nacional sejam esquecidas.

*E (não escuteiro): Eu acho que, eu acho que... ou seja nem todos os jovens podem levar a vida que ela leva. Ela tem uma vida de figura pública, mas nem toda a gente pode passar a vida inteira a andar de barco de um lado para outro e nem toda a gente pode faltar às aulas durante meses e meses” (Grupo 1 – sem escuteiros)*

*C (não escuteiro): «das intervenções que eu já ouvi dela o facto de, dela se focar numa perspetiva global acaba por... por ser um bocado radicalista em termos de “Ah é o mundo e tem que se mudar agora [...]” mas depois essas, essas realidades mais pequenas em termos nacionais mesmo acabam por ser um bocadinho esquecidas numa perspetiva que é tão abrangente» (Grupo 1 – sem escuteiros)*

Algumas das iniciativas que surgiram para contrapor as viabilizadas por Greta, passaram por ter mais projetos relacionados com a redução do consumo de carne, lutar por uma melhoria na rede de transportes em Portugal através de uma carta aberta e por uma redução do preço dos passes mensais através de uma petição, uma maior sensibilização e esclarecimento da problemática por parte da comunicação social e uma maior consciencialização nas escolas.

*C (não escuteiro): “Pegando na, pegando na realidade das escolas e apesar de já haver a opção vegetariana, opção, opção vegan, o que quer que é que seja o standard, o padrão continua a ser a proteína animal e a... é a carne pronto” (Grupo 1 – sem escuteiros)*

*F (escuteiro): “concordo plenamente com o que elas disseram de essas formações da escola fazem toda a diferença porque é desde pequenino que podemos inculcar estas coisas e não já pessoas às vezes na faculdade que é totalmente diferente as pessoas em Lisboa às vezes é mais fácil de ouvirem essas pequenas coisas do que as pessoas às vezes que moram por exemplo no Alentejo, ou no Norte” (Grupo 2 – misto)*

O testemunho deixado por Greta Thunberg e pela mediatização fora do comum que lhe permitiu ter o reconhecimento que a precede, remete para a importância dada à consciencialização, pelos jovens, que se apresentará a seguir.

### *Consciencialização*

Para os jovens, a consciencialização (Categoria 2) também é uma forma importante de agir em relação ao ambiente. Ainda que eles tentem consciencializar quem os rodeia, sentem que ainda existe pouca sensibilização para o assunto o que se torna prejudicial à causa.

*E (não escuteiro): “eu acho que nós só conseguimos mesmo mudar a sério através da consciencialização e trazendo as pessoas também para estas lutas” (Grupo 1 – sem escuteiros)*

*H (não escuteiro): “preocupa-me que as pessoas não levem isso a sério ainda noutra dia eu estava a conversar com pessoas e dizer “ok é bom estar a chover porque nós estamos em seca” e houve uma pessoa que disse “ah, mas qual é o mal de estar em seca” sinto que não há essa consciencialização e isso é um problema e preocupa-me bastante e acho que esse é um dos maiores problemas para mim neste momento e que me preocupa mais.” (Grupo 2 – misto)*

Durante a codificação das entrevistas surgiram três temas relativos à consciencialização. Dois deles dizem respeito às esferas em que os jovens preferem consciencializar. Para eles, a consciencialização numa esfera privada é importante principalmente pelo exemplo que dão aos seus amigos e familiares.

*G (não escuteiro): “eu tenho muita facilidade em falar com a minha família sobre isto, portanto mesmo que para eles não tenha assim tanta importância como eles sabem que para mim o tem acabam por aderir a estas estratégias” (Grupo 2 – misto)*

Já numa esfera pública, os exemplos que sobressaíram foram a participação destes jovens em manifestações pelo ambiente, debates e apanhar lixo. Ao contrário do que poderia ser expectável não existe uma diferença abismal entre escuteiros e não escuteiros nestas ações de consciencialização, ainda que os escuteiros vivam mais experiências ligadas ao voluntariado devido ao movimento ao qual pertencem.

*F (escuteiro): “nós nos escuteiros às vezes somos chamados a ouvir pequenas palestras sobre essas coisas de alteração climática ou alterações climáticas e sobre como preservar os ecossistemas onde vamos acampar por exemplo e somos chamados sempre a fazer serviço” (Grupo 2 – misto)*

*L (não escuteiro): “Eu faço muitas ações de voluntariado, mas a nível do clima acho mesmo que as, as únicas que faço têm mesmo a ver com a praia. Todas as que eu já fiz são só mesmo limpezas de praia, fiz uma a... que era mesmo sensibilizar as pessoas, ou seja, as pessoas estavam na praia e nós perguntávamos o que é que elas acham desta situação, se elas deitam lixo para o chão, se elas reparam que há lixo na praia e se reparam se, se metem devidamente no lixo” (Grupo 3 – sem escuteiros)*

*“X (escuteiro): geralmente é com os escuteiros ou coisas assim que se faz serviço a, a apanhar lixo a... tipo a fazer coisas assim desse género, ir à praia apanhar lixo, já apanhámos lixo na nossa comunidade, coisas assim.*

*Z (escuteiro): Plantar árvores.*

*X: Ah, plantar árvores, exatamente, coisas desse género” (Grupo 5 – escuteiros)*

Depois de se referirem associações que têm um impacto positivo na problemática ambiental, de se explorar o exemplo de Greta Thunberg e de se referir o sentimento dos jovens relativamente à consciencialização sobre a questão ambiental, sente-se necessidade de

especificar quais são as principais dificuldades sentidas pelos jovens quando confrontados com a escolha de agir, relativamente à proteção do ambiente.

### *Dificuldades e atribuição de responsabilidade*

Uma das razões que pode explicar o facto de os jovens não serem mais ativos em questões ambientais passa pela existência de dificuldades (Categoria 28) que não podem ser controladas pelos mesmos. Alguns destes obstáculos referidos passam pela dificuldade económica que não permite à população fazer escolhas sustentáveis, a preguiça associada a ações um pouco mais trabalhosas como a separação do lixo, a falta de vontade que deriva da lentidão na obtenção dos resultados de ações em prol do ambiente e a desinformação relativamente ao assunto e sobre como devem agir de forma a alcançar a mudança.

*I (não escuteiro): “é injusto os carros elétricos serem tão caros e obrigarem as pessoas a comprarem coisas que vão, que estão literalmente a estragar o planeta.” (Grupo 2 – misto)*

*S (escuteiro): “eu sei que há pessoas que já pararam de fazer reciclagem por causa disso que é, as pessoas às vezes estão a ver os, o... aqueles camiões da reciclagem e pá eles, digamos que veem eles a meterem os 3 ecopontos todos do mesmo sítio e isso faz-lhes confusão e eles pensam “ok, então, se eu estou a perder o meu tempo e estou a ter trabalho para eles no final juntarem tudo, então a reciclagem não é assim nada de importante.” (Grupo 4 – misto)*

O sentimento de impotência e desmotivação face à problemática também foi muito referido, especialmente quando relacionado com a atribuição de responsabilidade pelo papel abismal que a influência das grandes empresas e Governos podem ter quando comparado com as pequenas ações diárias praticadas pela população que, aos olhos dos participantes, não têm o impacto necessário para realmente se alcançarem metas visíveis.

*Q (não escuteiro): “Eu não me importo de começar porque eu tenho uma opinião muito forte acerca deste assunto e só não referi [as mudanças climáticas como uma das principais preocupações dos jovens] porque eu acho que sinto uma grande desmotivação em relação a esse tema [...] é muito frustrante por exemplo fazer, ok fazemos a reciclagem a... separamos o lixo temos muito cuidado com o nosso consumo mas depois vamos às notícias e vemos que barcos cheios de óleo foram rebentados e que empresas poluem os rios e não têm, não sofrem qualquer tipo de consequências. Sentimo-nos muito pequenos, sentimo-nos que a... os adultos, os mais velhos, as empresas que estão em comando é que*

*têm o maior poder sobre isso e, muitas vezes, eu pelo menos sinto-me muito desmotivada em defender o assunto porque sinto que não tenho poder” (Grupo 4 - misto)*

Associado à atribuição de responsabilidade pela degradação do ambiente, dada às empresas e Governos (Categoria 24), os participantes demonstraram-se, na sua generalidade, desagradados com as medidas tomadas na prevenção das alterações climáticas. Apesar dos jovens atribuírem às empresas e Governos a responsabilidade de tentar atenuar os efeitos da crise climática, principalmente devido ao poder que têm, também criticaram o fraco desempenho que estes têm mostrado. Segundo alguns entrevistados, isto pode dever-se a interesses económicos e a uma agenda política que se diz ser “verde”, mas que não cumpre o seu propósito. Existe, também, uma sensação de desmotivação perante as ações pró-climáticas levadas a cabo pelos indivíduos quando comparadas pelas ações poluentes que provêm das empresas.

*G (não escuteiro): “seria interessante as grandes indústrias investirem em alternativas, mas eu acho que isto é um pouco utópico e imagino que ainda esteja distante simplesmente por questões económicas porque é mais fácil servir num restaurante uma garrafa de plástico a um preço acessível do que uma garrafa de sei lá vidro” (Grupo 2 – misto)*

*D (não escuteiro): “a maior responsabilidade de tentar atenuar um pouco os efeitos disto é das grandes empresas, de... de quem está ao poder” (Grupo 1 – sem escuteiros)*

Relativamente a Portugal, a falta de apoios e incentivos à descentralização de populações, a fraca qualidade na rede de transportes públicos em certas partes do país e o elevado nível de manufatura de produtos de consumo rápido são algumas das críticas (Categoria 29) apontadas pelos participantes. No entanto, percebe-se que a criação de um passe mensal que permite deslocações em dentro das áreas metropolitanas do Porto e Lisboa, a imposição da supressão da venda de plásticos descartáveis e o grande número de ecopontos disponibilizados para a prática da reciclagem foram medidas aplaudidas (Categoria 32) pela maioria dos jovens. Outros exemplos mais específicos, como o aumento da variedade de produtos na alimentação vegana, o aumento na produção de energia eólica e a criação de ciclovias que permite a deslocação em bicicletas também foram referidos.

*O (não escuteiro): “nos últimos 2 anos, desde que eu me tornei vegan só nestes 2 anos eu também consegui notar a evolução da oferta de produtos nos supermercados, mas assim uma coisa mesmo muito rápida.” (Grupo 3 – sem escuteiros)*

*BB (escuteiro): “outro ponto, agora positivo, a... que se verificou, não sei há quantos anos é que tem esta medida, em relação aos passes nos metropolitanos, isso é uma medida que foi bastante boa para, para incentivar o uso de transportes públicos.” (Grupo 6 – escuteiros)*

Depois de apresentadas as dificuldades, surgem então as sugestões encontradas pelos participantes de forma a melhorar os aspetos que, anteriormente, acharam não estar em concordância.

#### *Possíveis direções de mudança*

Surgiram, em alguns grupos, ideias sobre o que poderia servir de alavanca a uma mudança de mentalidades, entre as quais a adoção de incentivos às populações, à semelhança do que já acontece em outros países, que se pode considerar como uma leve referência feita ao conceito trazido pelas RI de justiça ambiental:

*EE (escuteiro): “por exemplo, na Alemanha acho que eles têm, para além da venda de garrafas, ou seja, trocar as garrafas que já utilizaram, pronto, acho que podem também encher a água, ou seja, tudo o que é água engarrafada eles também podem encher por um preço mais reduzido se levarem a mesma garrafa. Ou seja, se se começar a criar esta rotina as pessoas acabam por fazê-lo sem, sem se aperceberem e aí estão a ajudar a... naturalmente.” (Grupo 6 – escuteiros)*

Os participantes também reforçaram que a sua representação em Governos e em outras organizações com poder de decisão, seria um passo importante. Afinal, para eles, os jovens poderiam ter um papel muito mais significativo do que o que atualmente têm se lhes dessem a oportunidade de ser ouvidos.

*Y (escuteiro): “Na, na minha opinião, não sei se isto já é tipo fugir um bocado à cena, mas a... para mim uma coisa que faria sentido e que acho que fazia, faria também muita diferença era a presença mais jovem em... nos governos e entidades decisoras. Pronto, porque lá está foi uma conclusão que nós chegamos é que os jovens têm muito mais preocupações e mais vontade então porque é que não são os jovens que tem essa responsabilidade de poder, poder mudar numa... a uma grande escala, portanto, eu acho que era isso era... devia haver maior presença dos jovens, por exemplo no Parlamento e coisas assim do género.” (Grupo 5 - escuteiros)*

*X (escuteiro): “Eu sinto que tem a ver com o governo e para isso também contribui aquilo que a Y e a W referiram que é a, a voz jovem a... nos, nos ramos do governo.” (Grupo 5 - escuteiros)*

## Considerações Finais

Através do presente estudo, pretendeu-se contribuir para a temática da emergência climática, a nível global, ao mesmo tempo que se pretendia perceber quais seriam as perceções e ações reportadas pelos jovens portugueses sobre esta temática, a nível nacional. À vista desse objetivo, decidiu-se utilizar o CNE como exemplo de organização responsável pelo desenvolvimento de jovens atentos à emergência climática. Mais especificamente, tentou-se perceber se, em virtude de os jovens serem ou não associados deste movimento, existiria alguma diferença a nível das perceções e ações relatadas quando comparados com jovens que não fizessem parte de nenhuma associação que visasse a proteção ambiental.

Recuperando um dos objetivos de partida, que pretendia compreender qual a perceção dos jovens relativamente ao meio ambiente e às questões de sustentabilidade ambiental constatou-se que as alterações climáticas não são consideradas, por estes jovens, uma preocupação imediata, visto não ser referida espontaneamente quando confrontados com as principais preocupações dos jovens. Apesar de indicarem que se sentem angustiados por verificarem que o estado do clima se continua a deteriorar e assustados por não estarem dotados das ferramentas necessárias para combater a sua contínua danificação (Grant & Case, 2022), também comentaram que não sentem que isso os vá afetar tão prontamente quanto os problemas económicos que se preveem para o futuro de qualquer jovem. Percebe-se, de forma clara, que para estes jovens a emergência climática é uma questão que tem de ser resolvida o quanto antes, mas que, no entanto, devido à sua lenta manifestação nas suas vidas, pode ser camuflada por outros assuntos considerados mais prementes (Wibeck, 2014). Existe também a hipótese de que os eventos climáticos possam ter caído em esquecimento face ao aparecimento de problemáticas de grande mediatização e preocupação a nível global, como são exemplos a pandemia causada pela COVID-19 e a guerra entre a Rússia e a Ucrânia.

Relativamente à intenção de evidenciar o modo como os jovens já operam quando se trata de assuntos climáticos, verifica-se que a tendência recai sobre a facilidade para a ação integrada num grupo, embora tenham sido feitas mais referências a ações concretas a nível individual. O facto de terem quem os acompanhe em atividades ambientais acaba por gerar o incentivo necessário, desta forma, é importante relevar que a tendência participativa destes jovens se coaduna com a literatura existente. (Arnold et al., 2009; Caillaud et al., 2015; Collado et al., 2017; Wallis & Loy, 2021) Apesar da predisposição para a atuação como parte integrante num

grupo, a maioria das ações pró-ambientais que os jovens manifestaram (apanhar lixo, fazer a reciclagem, poupar água), eram feitas de forma individual, o que, mais uma vez, corrobora literatura anterior (Grant & Case, 2022; Wibeck, 2014). A relação que estes jovens têm com a natureza reflete-se num maior sentido de responsabilidade e de proteção do meio que os rodeia (Arnold et al., 2009; Asah et al., 2018; Grant & Case, 2022), visto que, segundo eles, o facto de gostarem e de terem contacto regular com a natureza lhes permite ter mais noção da sua degradação.

Os relatos sobre a facilidade de agir quando acompanhados pelos seus pares difere, em certos momentos, da discriminação que consideram haver, por parte dos mais velhos, por causa da sua idade. Para alguns destes jovens, há um desacreditar das gerações mais velhas que torna difícil a partilha de conhecimentos intergeracionais, o que prejudica a causa ambiental (Wallis & Loy, 2021). O sentimento mais manifestado, pelos entrevistados, é o de que se sentem frustrados pela maneira como são impedidos de implementar medidas ou pela maneira como são julgados por terem a idade que têm. Ainda assim, os jovens veem na sua geração, uma geração com capacidade, conhecimento, força, motivação e esperança para realmente fazer a diferença.

Duas das sugestões que surgiram durante as entrevistas e se mostraram bem aceites entre os jovens, foram a necessidade de um aumento da participação jovem nos instrumentos decisores, para que os mesmos possam ser auscultados e contribuir com ideias para as decisões tomadas (Narksompong & Limjikanan, 2015; Wallis & Loy, 2021), e a maior disseminação de informação por parte de associações ambientais, uma vez que o fosso entre o conhecimento e a ação coloca um grande desafio às respostas comportamentais às alterações climáticas (Narksompong & Limjikanan, 2015). O associativismo foi considerado uma mais-valia para o aumento de consciencialização da problemática e, para os participantes, a participação num grupo destes, representa a facilidade na atuação ambiental devido ao facto de estarem a lutar em grupo para um objetivo comum, com a certeza de que as suas vozes serão ouvidas, devido à envergadura da associação (Fung & Adams, 2017; Yee et al., 2021).

Apesar de se ter percebido que as alterações climáticas não eram uma preocupação principal no quotidiano destes jovens, notou-se, em alguns casos, um conhecimento aprofundado da temática, através de referências feitas ao fecho de refinarias, ao planeamento energético português, à plantação de pinhais, entre outros. O facto destes jovens utilizarem os meios de comunicação para se manterem atualizados e, ainda assim, se focarem a falta de sensibilização e consciencialização sentida neste meio destaca a necessidade de uma melhoria na distribuição de informação relativa a este tema (Grant & Case, 2022; Wibeck, 2014).

O papel da economia nesta problemática torna-se evidente. A falta de meios monetários faz com que os jovens, ainda que queiram melhorar os seus hábitos de consumo, considerem que não têm meios para o fazer (Wallis & Loy, 2021). Segundo os entrevistados torna-se imperativo que haja uma mudança na indústria e nos incentivos dados à população para fazerem esta mudança. Neste estudo, à semelhança do que aconteceu com Caillaud et al. (2015), os participantes negociaram coletivamente a identidade do grupo estabelecendo e mantendo um elevado consenso entre todos relativamente à atribuição e responsabilidade às grandes empresas e Governos pelo seu papel agravante, ao invés de facilitador, das alterações climáticas. A facilidade e rapidez com que um derrame de resíduos fabris poluí o Rio Tejo e a incerteza do destino do lixo separado no domínio privado dos participantes, são apenas alguns exemplos de atitudes que aumentam o *gap* de descrença dos jovens e tornam imperiosa a sua participação na tomada de decisões.

Surgiram também referências ao exemplo dado pela ativista Greta Thunberg na questão ambiental. A existência de um modelo a seguir em tão tenra idade, como foi o caso de Greta para muitos jovens, parece surtir um efeito positivo, esperançoso e motivacional. Embora o conhecimento geral das propostas de Greta se limitasse aos assuntos mais mediatizados, o facto de só dois participantes não conseguirem reconhecer a ativista demonstra o grande impacto que a jovem causou ao redor do mundo (Arnold et al., 2009; Collado et al., 2017; Wallis & Loy, 2021).

Finalmente, ao tentar identificar as possíveis diferenças entre jovens que pertencem ao CNE e jovens que nunca tiveram contacto com qualquer tipo de associações ambientais, na forma de perceber e lidar com as alterações climáticas, a única distinção encontrada, passa pela maior facilidade que os jovens escuteiros têm na concretização de ações coletivas que favoreçam o ambiente, por exemplo, através da limpeza de praias e florestas e através da plantação de árvores. Os inquiridos pertencentes ao CNE referiram, ainda, que não consideram que a religião católica, afeta ao movimento, seja o que determine os seus comportamentos pró-ambientais. Ainda que reconheçam que a religião católica defende a proteção da natureza, os escuteiros entrevistados assumem que o facto de o CNE ter por base o catolicismo, não é um fator a considerar no referente ao seu papel na ação climática. Uma das razões pela qual pode não ser possível verificar diferenças nas perceções e ações relatadas entre estes dois grupos de jovens pode residir no aumento da consciencialização e conhecimento do tema, ao longo dos anos, junto da sociedade em geral, o que aumenta os esforços feitos por toda a população para a mitigação desta questão. Outra possível razão para não haver diferenças, de acordo com Asah et al. (2018), é que o tipo de atividades não formais desenvolvidas nos movimentos escutistas

e outros, podem ser demasiado estruturadas para que os jovens venham a, espontaneamente, integrar essas ações como parte da sua cidadania enquanto adultos. Segundo Sandell (1991), a formação (e não formação) do ambientalismo, a sua interação com o lazer, a qualidade e quantidade do contacto com a natureza, deve ser vista como da maior importância na luta por uma sociedade sustentável, reforçando que a grande estruturação das atividades levadas a cabo no escutismo possa não permitir uma aproximação livre e espontânea dos jovens à natureza.

## **5.1. Principais contribuições teóricas e práticas**

Depois de analisados os resultados obtidos, conseguimos tirar algumas ilações relativamente a possíveis contribuições teóricas e práticas sobre a temática que relaciona o papel dos jovens nas questões ambientais.

Em primeiro lugar, este estudo amplia a investigação recente sobre os comportamentos e perceções dos jovens relativamente às questões ambientais, ampliando este espectro através da introdução do CNE enquanto objeto de estudo.

Os resultados são consistentes com a visão teórica de que os jovens tendem a considerar as alterações climáticas um assunto importante e que deve ser debatido e combatido, embora lhe atribuam um papel secundário quando comparado com outras questões. Contudo, como a literatura já sugeria, este aspeto não é preditivo de um envolvimento nulo em questões ambientais (Wibeck, 2014).

Através do reconhecimento teórico de vantagens na promoção do contacto regular das crianças com a natureza e admitindo o impacto positivo que isso pode ter na sua vida adulta e numa maior consciencialização ambiental (Asah et al., 2018), este estudo reconhece a necessidade de incrementar um aumento na panóplia de atividades gratuitas e pouco estruturadas que promovam aprendizagens ao ar livre, apoiando e cooperando com projetos, principalmente, educativos – formais e não formais – para que se possa oferecer às crianças e jovens uma formação rica e consciente que mais tarde se traduzirá numa maior consciencialização ambiental.

Assume-se, de igual forma, a necessidade de criar um sistema de difusão de conhecimento que consiga, não só, cativar jovens a aprender mais sobre as alterações climáticas e os seus impactos como aguçá-los a criatividade para que possam debater e propor soluções. Sugere-se, nesta linha de pensamento, reforçar a literatura existente através de um estudo onde sejam aprofundados novos tipos de soluções, que complementem as ações pró-ambientais que já são reconhecidas pela literatura como sendo as mais utilizadas pelos jovens.

No que diz respeito ao conjunto de temas que na perspectiva das RI têm suscitado algum interesse, como os conceitos de justiça ambiental, segurança ambiental e migrante ambiental, os resultados deste estudo mostram que os mesmos não são abordados diretamente pelos jovens, durante as entrevistas, ainda que existam momentos espontâneos em que sejam referidos exemplos que podem ser lidos à luz destes conceitos. Desta forma, nota-se que existe um afastamento entre a teoria, relativamente às RI, e o que encontramos empiricamente nos debates.

## **5.2. Limitações e propostas para o futuro**

Este estudo apresenta algumas limitações que devem ser tidas em consideração na interpretação dos resultados.

A primeira limitação refere-se ao facto de os métodos de amostragem utilizados significaram que os resultados não foram representativos da população em geral, uma vez que a quantidade de raparigas foi muito superior à dos rapazes e não foi assegurada representatividade em termos de escalões socioeconómicos.

Ainda relativamente à amostragem, é de referir como limitação a homogeneidade apresentada relativamente ao local onde os entrevistados moram. Apesar de termos estado na presença de participantes que nasceram em zonas mais distantes de Lisboa, inclusive um participante que nasceu e viveu em moçambique, não permitiu que se conhecessem realidades diferentes pelo facto de que, no momento em que o estudo foi conduzido, todos estudassem e vivessem na Área Metropolitana de Lisboa, estando acostumados a essa realidade. Num próximo estudo, sugere-se que os participantes venham de realidades distintas, uma vez que se tornaria interessante perceber se existiriam diferenças nos comportamentos e perceções ambientais num binómio cidade-campo.

Outra limitação foi a inexistência de debates presenciais, o que pode ter dificultado o desenvolvimento de dinâmicas de grupo que suscitassem debate face às questões colocadas.

O facto de existirem posições consensuais nos grupos focais, o que não gerou momentos de debate entre os participantes e não permitiu perceber diferentes perspetivas, também é uma limitação a considerar. Em estudos futuros valerá a pena usar outros exercícios que originem maior debate.

Este estudo poderia ter sido reforçado por entrevistas feitas a adultos, de forma a perceber melhor as diferenças entre o papel dos jovens e dos adultos na problemática. Isto possibilitaria

a hipótese de perceber como é que se pode melhorar a participação jovem à luz dos exemplos dados pelos adultos e reforçar a importância do papel dos jovens.

Em estudos futuros poderia ser interessante adotar uma abordagem de observação experimental onde crianças e jovens são expostos a atividades baseadas na natureza através de vários caminhos e depois seguidos na idade adulta para examinarem os seus comportamentos de cidadania ambiental e o seu empenho em atividades baseadas na natureza.

Relativamente às RI, propõe-se que, no futuro, sejam realizados estudos que permitam entender em diferentes realidades sociais, que diferenças existem entre os jovens escoteiros e não escoteiros. Para que o leque de amostragem fosse representativo da população em geral, o estudo teria que ser conduzido em diferentes países, com jovens que habitassem em áreas rurais e urbanas, e com grupos de escoteiros que estivessem sediados tanto no campo como na cidade.

### **5.3. Conclusão**

Com este estudo pretendeu-se perceber melhor qual a importância dos jovens na problemática ambiental. Assim, conjugou-se a revisão à literatura existente com a metodologia qualitativa para melhor se responder aos três objetivos colocados no início da pesquisa. Desta forma, no final deste trabalho conseguimos perceber melhor qual a perceção dos jovens relativamente à sustentabilidade ambiental, qual a forma de lidar com a problemática, por parte dos jovens e conseguimos perceber que não existem diferenças substanciais entre os jovens escoteiros e não escoteiros na forma de prevenir e mitigar os problemas climáticos.

## Referências Bibliográficas

- Agência Portuguesa do Ambiente. (sem data). *Protocolo de Quioto*. Protocolo de Quioto | Agência Portuguesa do Ambiente. Obtido 25 de setembro de 2022, de <https://apambiente.pt/clima/protocolo-de-quioto>
- Alassane, S. L. (2015). *Solar Energy Handbook - A Guide for Teachers and Youth Leaders*. Solafrica. Obtido 26 setembro de 2022, de [https://www.scout.org/sites/default/files/library\\_files/Solar\\_Energy\\_Handbook\\_20151022-1.pdf](https://www.scout.org/sites/default/files/library_files/Solar_Energy_Handbook_20151022-1.pdf)
- André, A. C., & Coelho, M. (2019, julho 18). *Acampamento Mundial reúne 45 Mil Escuteiros, 800 São Portugueses - Renascença*. Rádio Renascença. Obtido 2 de outubro de 2022, de <https://rr.sapo.pt/noticia/religiao/2019/07/18/acampamento-mundial-reune-45-mil-escuteiros-800-sao-portugueses/158383/>
- Arnold, H. E., Cohen, F. G., & Warner, A. (2009). *Youth and environmental action: Perspectives of young environmental leaders on their formative influences. The Journal of environmental education, 40(3), 27-36.*
- Asah, S. T., Bengston, D. N., Westphal, L. M., & Gowan, C. H. (2018). Mechanisms of children's exposure to nature: Predicting adulthood environmental citizenship and commitment to nature-based activities. *Environment and Behavior, 50(7), 807-836.*
- Attenborough, D. & Rockström, J. (Diretores). (2021). *A Terra do Limite: A Ciência do Nosso Planeta* [Documentário].
- Baden-Powell, R. (1974). *A Caminho do Triunfo* (2nd ed.). Edição CNE, 2015
- Barcena, G., & Hossain, K. Z. (2021, novembro 1). *Why scouts are going to COP26*. WOSM. Obtido 24 de janeiro de 2022, de <https://www.scout.org/node/4947>

- Bawer, M. W., & Gaskell, G. (2002). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. *Um manual prático. Petrópolis (RJ): Editora Vozes.*
- <https://tecnologiamidiaeinteracao.files.wordpress.com/2017/10/pesquisa-qualitativa-com-texto-imagem-e-som-bauer-gaskell.pdf>
- Bhat, S. A., Bashir, O., Bilal, M., Ishaq, A., Din Dar, M. U., Kumar, R., Bhat, R. A., & Sher, F. (2021). Impact of COVID-related lockdowns on environmental and climate change scenarios. *Environmental Research, 195*, 110839.
- <https://doi.org/10.1016/j.envres.2021.110839>
- Big 6 Youth Organizations. (2020, dezembro 11). *Big 6 youth organizations: Global youth mobilization for generation disrupted.* Big 6 Youth Organizations | Global Youth Mobilization For Generation Disrupted. Obtido 22 de setembro de 2022, de <https://bigsix.org/>
- Block, N. R., & Proctor, T. M. (Eds.). (2009). *Scouting frontiers: Youth and the Scout Movement's first century.* Cambridge Scholars Publishing.
- <https://www.cambridgescholars.com/resources/pdfs/978-1-4438-0450-9-sample.pdf>
- Caillaud, S., Bonnot, V., Ratiu, E., & Krauth-Gruber, S. (2015). How groups cope with collective responsibility for ecological problems: Symbolic coping and collective emotions. *British Journal of Social Psychology, 55*(2), 297-317.
- Carmo, O. (2021, maio 27). *Escutismo: "Somos Os Principais Guardiões da Natureza e do meio ambiente" - José Rodrigues (C/Vídeo).* Agência ECCLESIA. Obtido 7 de outubro de 2022, de <https://agencia.ecclesia.pt/portal/escutismo-somos-os-principais-guardioes-da-natureza-e-do-meio-ambiente-jose-rodrigues/>
- CNE. (sem data-a). *Lei e Promessa.* Programa Educativo. Obtido 5 de julho de 2022, de <https://escutismo.pt/programaeducativo/metodo/lei-e-promessa/lei-e-promessa:2200>

- CNE. (sem data-b). *Vida na Natureza*. Programa Educativo. Obtido 7 de outubro de 2022, de <https://escutismo.pt/programaeducativo/metodo/vida-na-natureza/vida-na-natureza:2220>
- CNE. (2014a). *Os Escuteiros e a Educação Ambiental*. Obtido 13 de julho de 2022, de <https://escutismo.pt/dirigentes/recursos/pedagogicos/pag:recursos/04783786-7567-4340-8a42-93af8e512f24>
- CNE. (2014b). *Posicionamento Institucional e Pedagógico do Corpo Nacional de Escutas—Ambiente*. Obtido 13 de julho de 2022, de <https://escutismo.pt/dirigentes/recursos/pedagogicos/pag:recursos/f0d0e3c7-eeae-420e-9306-8df824f2852b>
- CNE. (2017). *História*. Dirigentes. Obtido 7 de julho de 2022, de <https://escutismo.pt/dirigentes/movimento/historia/historia:99>
- CNE- Secretaria Nacional Pedagógica. (2010). *Projecto Educativo - Manual do Dirigente*.
- CNE- Secretaria Nacional Pedagógica (2019, outubro 14). *Envolvimento na Comunidade - 8a Maravilha - Manual do Dirigente*.
- Coelho, A., Vale, V., Bogotte, E., Figueiredo-Ferreira, A., Duque, I., & Pinho, L. (2015). Oferta educativa outdoor como complemento da Educação Pré-Escolar: Os benefícios do contacto com a natureza. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 111-117.
- Collado, S., Staats, H., & Sancho, P. (2017). Normative influences on adolescents' self-reported pro-environmental behaviors: the role of parents and friends.
- Conference of the Parties (COP) / UNFCCC*. (sem data). Obtido 7 de julho de 2022, de <https://unfccc.int/process/bodies/supreme-bodies/conference-of-the-parties-cop>
- Dias, S. S. (2021, dezembro 29). *Há Um Novo Direito Humano: Viver Num Ambiente Saudável*. *Jornal de Negócios*. Obtido 27 de outubro de 2022, de

<https://www.jornaldenegocios.pt/sustentabilidade/ambiente--descarbonizacao/detalhe/20211229-1224-ha-um-novo-direito-humano-viver-num-ambiente-saudavel>

Dunlop, L., Atkinson, L., Mc Keown, D., & Turkenburg-van Diepen, M. (2021). Youth representations of environmental protest. *British Educational Research Journal*, 47(6), 1540-1559. <https://bera-journals.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/berj.3737>

Dyer, H. (2001). 'The Environment in International Relations'. *The British Journal of Politics and International Relations*, 3(1), 105-114.

Eckersley, R. (2007). Green theory. *International relations theories: discipline and diversity*, 247, 265. <https://rest.neptune-prod.its.unimelb.edu.au/server/api/core/bitstreams/6dd86892-7fb6-5485-ab44-642cc5413f70/content>

Environmental Justice Foundation. (2014). *THE GATHERING STORM Climate Change, Security and Conflict*. [https://ejfoundation.org/resources/downloads/EJF\\_climate\\_conflict\\_report\\_web-ok.pdf](https://ejfoundation.org/resources/downloads/EJF_climate_conflict_report_web-ok.pdf)

Escutismo. (sem data). *Sistema de Especialidades – Especialidades*. Obtido 12 de julho de 2022, de <https://especialidades.escutismo.pt/sistema-de-especialidades/>

European Scout Region. (2019). *Scouting and guiding activities with the Global Goals - Denmark's Jamboree*. Scouting and Guiding Activities with the Global Goals - Denmark's Jamboree. Obtido 8 de setembro de 2022, de <https://www.scout.org/id/node/511836>

Fonseca, A., & Castro, P. (2022). Thunberg's Way in the Climate Debate: Making Sense of Climate Action and Actors, Constructing Environmental Citizenship. *Environmental Communication*, 1-15. <https://doi.org/10.1080/17524032.2022.2054842>

- Fonseca, R., Silva, P. Silva, R. (2007) “Acordo inter-juízes: O caso do coeficiente kappa,” *Laboratório de Psicologia*, 5(1), pp. 81-90. <https://doi.org/10.14417/lp.759>.
- Fuentes, R., Galeotti, M., Lanza, A., & Manzano, B. (2020). COVID-19 and climate change: a tale of two global problems. *Sustainability*, 12(20), 8560. <https://doi.org/10.3390/su12208560>
- Fung, C. Y., & Adams, E. A. (2017). What motivates student environmental activists on college campuses? An in-depth qualitative study. *Social Sciences*, 6(4), 134. <https://www.mdpi.com/2076-0760/6/4/134>
- Garcia, C. E. D. S. (2019). *O papel do corpo nacional de escutas na educação para a cidadania: um olhar sobre os caminheiros* (Doctoral dissertation).
- Granja, S. F. D. C. (2007). *Pedagogia escutista como complemento à educação escolar* (Doctoral dissertation, Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, Aveiro: Universidade de Aveiro).
- Grant, B., & Case, R. (2022). Picture this: Investigating mental health impacts of climate change on youth using a photovoice intervention. <https://doi.org/10.24840/esc.vi62.264>
- Grylls, B. (2021, novembro 3). *Why I'm making a promise to the planet*. WOSM. Obtido 24 de janeiro de 2022, de <https://www.scout.org/Bear-Grylls-COP26>
- Helm, S. V., Pollitt, A., Barnett, M. A., Curran, M. A., & Craig, Z. R. (2018). Differentiating environmental concern in the context of psychological adaption to climate change. *Global Environmental Change*, 48, 158-167.
- International Organization for Migration. (2014). *IOM outlook on migration, environment and climate change*.
- Kalampalikis, N., & Caillaud, S. (2013). Focus Groups and Ecological Practices: A Psychosocial Approach. *Qualitative Research in Psychology*, 10, 382–401. <https://doi.org/10.1080/14780887.2012.674176>

- Magnan, A. K., Pörtner, H.-O., Duvat, V. K. E., Garschagen, M., Guinder, V. A., Zommers, Z., Hoegh-Guldberg, O., & Gattuso, J.-P. (2021). Estimating the global risk of anthropogenic climate change. *Nature Climate Change*, *11*(10), 879–885.  
<https://doi.org/10.1038/s41558-021-01156-w>
- Martin, S. (2010). Climate Change, Migration, and Governance. *Global Governance*, *16*(3), 397–414. <http://www.jstor.org/stable/29764954>
- McHugh, L. H., Lemos, M. C., & Morrison, T. H. (2021). Risk? Crisis? Emergency? Implications of the new climate emergency framing for governance and policy. *WIREs Climate Change*, *12*(6), e736. <https://doi.org/10.1002/wcc.736>
- Moutinho, V. (2021). *O "Efeito Greta" na luta climática mundial*. PÚBLICO. Obtido 27 de outubro de 2022, de <https://www.publico.pt/2021/10/27/p3/video/efeito-greta-luta-climatica-mundial-20211008-080634>
- Nações Unidas. (2019, julho 15). *Juventude*. Nações Unidas - ONU Portugal. Obtido 7 de outubro de 2022, de <https://unric.org/pt/juventude/>
- Narksompong, J., & Limjirakan, S. (2015). Youth participation in climate change for sustainable engagement. *Review of European, Comparative & International Environmental Law*, *24*(2), 171-181.
- National Centers for Environmental Information, State of the Climate: Monthly Global Climate Report for July 2022. (2022). Obtido 13 de agosto de 2022, de <https://www.ncei.noaa.gov/access/monitoring/monthly-report/global/202207>
- National Geographic Society. (sem data). *Weather or Climate ... What's the Difference?* | *National Geographic Society*. Obtido 10 de agosto de 2022, de <https://education.nationalgeographic.org/resource/weather-or-climate-whats-difference>
- National Scout Organizations*. (sem data). Obtido 14 de março de 2022, de <https://www.scout.org/worldwide>

- Nascimento, J. F. D. S. B. D. (2018). *A integração dos objetivos do desenvolvimento sustentável na estratégia de educação do Corpo Nacional de Escutas* (Doctoral dissertation, Instituto Superior de Economia e Gestão).  
<http://hdl.handle.net/10400.5/16543>
- OMME. (1983). *Constituição e Regulamento da Organização Mundial do Movimento Escotista*. <https://escoteiros.pt/wp-content/uploads/2017/04/WOSM.pdf>
- ONU. (2021, outubro 21). *Há um novo direito humano: O direito a um ambiente limpo*. Nações Unidas - ONU Portugal. <https://unric.org/pt/novo-direito-humano-a-um-ambiente-limpo/>
- Palhares, J. A. (2009). A experiência cidadã em contextos educativos não-escolares: representações e práticas de jovens pertencentes ao escutismo.  
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/10117>
- Parlamento Europeu. (sem data). *Prémios*. Obtido 12 de julho de 2022, de <https://www.europarl.europa.eu/at-your-service/pt/be-heard/prizes>
- Pereira, J. C. (2015). Environmental issues and international relations, a new global (dis) order-the role of International Relations in promoting a concerted international system. *Revista Brasileira de Política Internacional*, 58, 191-209.  
<https://www.scielo.br/j/rbpi/a/kxF64drkXcz6QBT35kBVyvN/?lang=en>
- Pörtner, H. O., Roberts, D. C., Adams, H., Adler, C., Aldunce, P., Ali, E., ... & Birkmann, J. (2022). Climate change 2022: Impacts, adaptation and vulnerability. *IPCC Sixth Assessment Report*.
- Reis, M. (2013). *O livro dos escuteiros*. Leya.
- Ridene, A., Ciobanu, M., Lessard, L., Mbugua, E., & Hashim, S. M. (2021). (rep.). *14th World Scout Youth Forum Report* (Vol. 8, pp. 1–21). World Scout Bureau.

[https://members.scout.org/sites/default/files/mediafiles/ForumDoc8\\_WSYF%20Report%202021\\_EN.pdf](https://members.scout.org/sites/default/files/mediafiles/ForumDoc8_WSYF%20Report%202021_EN.pdf)

- Riemer, M., Lynes, J., & Hickman, G. (2014). A model for developing and assessing youth-based environmental engagement programmes. *Environmental Education Research*, 20(4), 552–574. <https://doi.org/10.1080/13504622.2013.812721>
- Rodrigues, M., Menezes, I., & Ferreira, P. D. (2018). Efeitos longitudinais da socialização política nos comportamentos de participação de jovens. *Educação e Pesquisa*, 44. <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-4634201844175560>
- Sandell, K. (1991). “Ecostrategies” and Environmentalism: The Case of Outdoor Life and Friluftsliv. *Geografiska Annaler. Series B, Human Geography*, 73(2), 133–141. <https://doi.org/10.2307/490981>
- Santos, S. M. (2021, novembro 9). *CNE distinguido com o Prémio "Cidadão Europeu 2020"*. Flor de Lis. Obtido 2 de outubro de 2022, de <https://flordelis.escutismo.pt/cne-recebeu-hoje-o-premio-do-cidadao-europeu-2020/>
- Schlosberg, D., & Collins, L. B. (2014). From environmental to climate justice: climate change and the discourse of environmental justice. *Wiley Interdisciplinary Reviews: Climate Change*, 5(3), 359-374. <https://doi.org/10.1002/wcc.275>
- Silva, I. S., Veloso, A. L., & Keating, J. B. (2014). Focus group: Considerações teóricas e metodológicas. *Revista Lusófona de Educação*, (26), 175-189.
- Sosa-Nunez, G., & Atkins, E. (Eds.). (2016). *Environment, Climate Change and International Relations* (pp. 87-98). Bristol: E-International Relations.
- Stemler, S. E. (2015). Content analysis. *Emerging trends in the social and behavioral sciences: An Interdisciplinary, Searchable, and Linkable Resource*, 1-14. <https://doi.org/10.1002/9781118900772.etrds0053>

- UN Climate Change Conference. (2022a, janeiro 24). *COP26 Explained*. Obtido 10 de julho de 2022, de <https://ukcop26.org/uk-presidency/what-is-a-cop/#:~:text=COP26%20was%20the%202021%20United%20Nations%20climate%20change%20conference&text=With%20the%20UK%20as%20President,how%20to%20take%20climate%20change>.
- UN Climate Change Conference. (2022b, junho 1). *The Glasgow Climate Pact*. Obtido 13 de julho de 2022, de <https://ukcop26.org/the-glasgow-climate-pact/>
- UN, Transforming our world: The 2030 agenda for sustainable development: A/RES/70/11–35 (2015). New York.
- UNEP. (2020, dezembro 9). Emissions gap report 2020. *UN environment programme*. Obtido 5 setembro de 2022 <https://www.unep.org/emissions-gap-report-2020>
- UNEP. (2021, novembro 9). *UNEP Climate Action Note: Data you need to know*. UNEP. Obtido 5 setembro de 2022, de <https://www.unep.org/explore-topics/climate-action/what-we-do/climate-action-note/state-of-climate.html>
- United Nations. (sem data-a). *The Paris Agreement*. United Nations. Obtido 15 de agosto de 2022, de <https://www.un.org/en/climatechange/paris-agreement>
- United Nations. (sem data-b). *Youth in Action*. United Nations. Obtido 7 de outubro de 2022, de <https://www.un.org/en/climatechange/youth-in-action>
- Vala, J. A. D. C. Metodologia das Ciências Sociais. Porto: Edições Afrontamento, 1986.
- Vicente, A. C. S. (2004). A introdução do escutismo em Portugal. *Lusitânia sacra*, (16), 203-245.
- Wallis, H., & Loy, L. S. (2021). What drives pro-environmental activism of young people? A survey study on the Fridays For Future movement. *Journal of Environmental Psychology*, 74, 101581. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2021.101581>

- Whiting, A. (2022, junho 10). *'tipping points' lead to irreversible shifts - climate experts*.  
Horizon Magazine. Obtido 2 de setembro de 2022, de <https://ec.europa.eu/research-and-innovation/en/horizon-magazine/tipping-points-lead-irreversible-shifts-climate-experts>
- Wibeck, V. (2014). Social representations of climate change in Swedish lay focus groups: Local or distant, gradual or catastrophic? *Public Understanding of Science*, 23(2), 204–219. <https://doi.org/10.1177/0963662512462787>
- World Scout Bureau (sem data). *World scout conference resolutions 1920 2021 - scouts.org*.  
Obtido 7 de junho de 2022, de [https://members.scout.org/sites/default/files/library\\_files/19202021%20WSConf%20Resolutions%20and%20Index%20EN.pdf](https://members.scout.org/sites/default/files/library_files/19202021%20WSConf%20Resolutions%20and%20Index%20EN.pdf)
- World Scout Bureau. (2002). *Scouting and the Environment*.  
[https://www.scout.org/sites/default/files/library\\_files/environment\\_e.pdf](https://www.scout.org/sites/default/files/library_files/environment_e.pdf)
- World Scout Bureau. (2009). *World Scout Environment Programme Activities & Factsheets*.  
[https://www.scout.org/sites/default/files/library\\_files/WSEP%20Resource%20Book%20color\\_EN\\_0.pdf](https://www.scout.org/sites/default/files/library_files/WSEP%20Resource%20Book%20color_EN_0.pdf)
- World Scout Bureau. (2019). *The essential characteristics of scouting*.  
[https://www.scout.org/sites/default/files/library\\_files/The%20Essential%20Characteristics%20of%20Scouting\\_EN.pdf](https://www.scout.org/sites/default/files/library_files/The%20Essential%20Characteristics%20of%20Scouting_EN.pdf)
- World Scout Bureau. (2020a). *Champions for Nature Challenge—Implementation Manual*.  
[https://www.scout.org/sites/default/files/library\\_files/Champions%20for%20Nature%20Challenge%20Manual\\_EN\\_WEB\\_0.pdf](https://www.scout.org/sites/default/files/library_files/Champions%20for%20Nature%20Challenge%20Manual_EN_WEB_0.pdf)
- World Scout Bureau. (2020b). *Tide Turners Plastic Challenge—Implementation Manual*.  
[https://www.scout.org/sites/default/files/library\\_files/Tide%20Turners%20Plastic%20Challenge%20Manual\\_EN\\_WEB.pdf](https://www.scout.org/sites/default/files/library_files/Tide%20Turners%20Plastic%20Challenge%20Manual_EN_WEB.pdf)

World Scout Bureau. (2022). *World Organization of the Scout Movement—2020-2021—Annual Report*.

[https://www.scout.org/sites/default/files/library\\_files/\\_WOSM%20Annual%20report%202021\\_web%20%281%29.pdf](https://www.scout.org/sites/default/files/library_files/_WOSM%20Annual%20report%202021_web%20%281%29.pdf)

WOSM. (sem data-a). *Scouting Education / WOSM*. Obtido 7 de outubro de 2022, de <https://www.scout.org/who-we-are/scout-movement/scouting-education>

WOSM. (sem data-b). *Scout promise and law*. WOSM. Obtido 5 de julho de 2022, from <https://www.scout.org/who-we-are/scout-movement/scout-promise-and-law>

WWF. (sem data). *Scouts and the Champions for Nature Challenge*. WWF. Obtido 8 de julho de 2022, de [https://wwf.panda.org/act/partner\\_with\\_wwf/scouts.cfm](https://wwf.panda.org/act/partner_with_wwf/scouts.cfm)

Yee, T. X., Wei, C. C., & Ojo, A. O. (2021). Green Volunteerism – A new approach to achieve the United Nations’ Sustainable Development Goals. *Tourism and Sustainable Development Review Journal (TSDR)*, 2(1), 19–31. <http://tsdr.psdku.unpad.ac.id>



# **Anexos**

## **Anexo A - Guião Grupos Focais**

### **Apresentação pessoal e do projeto**

Boa tarde, o meu nome é Patrícia Cruz e sou finalista do Mestrado em Estudos Internacionais. Este estudo, do qual vocês farão parte, integrará a minha dissertação de mestrado em Estudos Internacionais no ISCTE.

Esta sessão, que terá uma duração entre 1h e 1h30, terá como objetivo promover uma conversa informal entre vocês, que terão que responder a algumas questões e fazer uma atividade simples.

Antes de prosseguir gostaria apenas de salientar que durante toda a reunião deverão manter os telemóveis desligados e podem interromper a participação em qualquer momento sem ter de prestar qualquer justificação. Também podem expressar a decisão de desistir após a entrevista enviando-me um e-mail.

Relembro que, para além de voluntária, a participação é também anónima e confidencial. Toda a conversa será gravada para posterior transcrição e tratamento da informação. Todos os dados recolhidos manter-se-ão devidamente confidenciais, destinando-se apenas a tratamento estatístico.

Toda a informação recolhida será devidamente guardada no espaço nuvem do ISCTE e protegida por uma senha à qual só terá acesso a investigadora e a orientadora. Estes dados serão mantidos por 2 anos e depois serão destruídos.

### **Apresentação de todos os participantes**

Gostaria agora de vos propor um quebra-gelo para que todos nos possamos conhecer melhor.

É muito simples. Cada participante deverá dizer o seu nome, a sua idade e o seu hobby favorito. Eu posso começar. Chamo-me Patrícia, tenho 22 anos e o que mais gosto de fazer é ler romances.

### **Início da sessão (escuteiros)**

Agora que já nos conhecemos um pouco melhor, gostava de saber a vossa opinião sobre vários assuntos e, gostava também, que debatêssem entre vocês os temas que vão surgindo.

Vamos começar com uma pergunta mais geral. Quero saber qual é a vossa opinião sobre as principais preocupações dos jovens hoje em dia. O que é que vos deixa apreensivos? Porque é que isso vos faz sentir assim?

Muito bem, agora que já percebi que as mudanças climáticas são/não são uma preocupação, gostava de perceber o porquê.

Qual é a vossa relação com a natureza? Esse contacto que têm/não têm com a natureza torna-vos mais/menos conscientes?

Como é que avaliam a situação do estado do ambiente em Portugal? Quais são as principais preocupações ambientais que vocês têm? Quais acham que têm maior resposta?

Acho que posso afirmar que estamos todos de acordo quando dizemos que o clima é um assunto que tem vindo a ser cada vez mais debatido. Vocês, enquanto indivíduos, agem em prol do ambiente? Que exemplos me podem dar de ações que tenham feito?

Acham mais fácil/proveitoso agir individualmente ou em grupo? Porquê? Que exemplos me podem dar de ações que tenham feito em público e em casa? (exemplo em casa podemos fazer a reciclagem/não usar sacos de plástico nas compras – em público podemos apanhar o lixo que vemos no chão)

Agora resta-me perguntar que entraves existem para que não consigam agir de forma pró-ambiental? Uma dessas entraves pode ser a vossa idade? Que soluções arranjariam

Para vocês é importante consciencializar os vossos amigos/familiares deste assunto? De que forma fazem? (exemplo – cada vez que os meus pais deitavam uma beata para o chão, eu ralhava com eles e obrigava-os a irem apanhar e pôr no lixo).

Será que é mais fácil para vocês agir em prol do ambiente, estando nos escuteiros?

Acham que o Movimento Escutista vos ajuda a atuarem a favor do ambiente? Como? Que ações concretas fazem para demonstrar o respeito e consideração pela natureza? Como é que estas práticas revertem para outros aspetos da vossa vida pessoal?

Vou propor, agora, que façamos um pequeno exercício.



Esta menina é uma das figuras jovens mais mediatizadas em termos ambientais. Sabem quem é?

Chama-se Greta Thunberg, é sueca e tem 19 anos. Acho que na maioria já todos ouvimos, pelo menos, o nome dela. Mas sabem que posições tem tomado para defender a causa ambiental?

Uma das iniciativas que introduziu foi as sextas-feiras pelo futuro (é um movimento internacional de estudantes que faltam às aulas nas sextas-feiras para participarem das manifestações para exigir ações dos líderes políticos a fim de evitar as mudanças climáticas e fazer com que a indústria de combustíveis fósseis faça a transição para energias renováveis), acham que é uma forma relevante de atuar? Porquê?

Têm alguma ideia de outras iniciativas que poderiam ser mais significativas?

Sabemos que o CNE tem uma dimensão religiosa. No vosso ponto de vista que tipo de relação é que tem relativamente ao ambiente. Acham que é positivo/negativo? Porquê?

Agradeço desde já a vossa ajuda em relação a estes temas. Resta-me agora perguntar-vos se há algum assunto que não tenha sido debatido e que achem necessário abordar?

### **Início da sessão (não escuteiros)**

Agora que já nos conhecemos um pouco melhor, gostava de saber a vossa opinião sobre vários assuntos e, gostava também, que debatêssem entre vocês os temas que vão surgindo.

Vamos começar com uma pergunta mais geral. Quero saber qual é a vossa opinião sobre as principais preocupações dos jovens hoje em dia. O que é que vos deixa apreensivos? Porque é que isso vos faz sentir assim?

Muito bem, agora que já percebi que as mudanças climáticas são/não são uma preocupação, gostava de perceber o porquê.

Qual é a vossa relação com a natureza? Fazem atividades ao ar livre? Esse contacto que têm/não têm com a natureza torna-vos mais/menos conscientes?

Como é que avaliam a situação do estado do ambiente em Portugal? Quais são as principais preocupações ambientais que vocês têm? Quais acham que têm maior resposta?

Acho que posso afirmar que estamos todos de acordo quando dizemos que o clima é um assunto que tem vindo a ser cada vez mais debatido. Vocês, enquanto indivíduos, agem em prol do ambiente? Que exemplos me podem dar de ações que tenham feito?

Acham mais fácil/proveitoso agir individualmente ou em grupo? Porquê? Que exemplos me podem dar de ações que tenham feito em público e em casa? (exemplo em casa podemos fazer a reciclagem/não usar sacos de plástico nas compras – em público podemos apanhar o lixo que vemos no chão)

Agora resta-me perguntar que entraves existem para que não consigam agir de forma pró-ambiental? Uma dessas entraves pode ser a vossa idade? Que soluções arranjariam?

Para vocês é importante consciencializar os vossos amigos/familiares deste assunto? De que forma fazem? (exemplo – cada vez que os meus pais deitavam uma beata para o chão, eu ralhava com eles e obrigava-os a irem apanhar e pôr no lixo).

Será que poderia ser mais fácil para vocês atuarem a favor do ambiente se pertencessem a uma organização/associação? Porquê? Que associações conhecem?

Porque é que não associam o movimento escutista à proteção da natureza?

Vou propor, agora, que façamos um pequeno exercício.

Esta menina é uma das figuras jovens mais mediatizadas em termos ambientais. Sabem quem é?



Chama-se Greta Thunberg, é sueca e tem 19 anos. Acho que na maioria já todos ouvimos, pelo menos, o nome dela. Mas sabem que posições tem tomado para defender a causa ambiental?

Uma das iniciativas que introduziu foi as sextas-feiras pelo futuro (é um movimento internacional de estudantes que faltam às aulas nas sextas-feiras para participarem das manifestações para exigir ações dos líderes políticos a fim de evitar as mudanças climáticas e fazer com que a indústria de combustíveis fósseis faça a transição para energias renováveis), acham que é uma forma relevante de atuar? Porquê?

Têm alguma ideia de outras iniciativas que poderiam ser mas significativas?

Agradeço desde já a vossa ajuda em relação a estes temas. Resta-me agora perguntar-vos se há algum assunto que não tenha sido debatido e que achem necessário abordar?

### **Debriefing**

Muito obrigada por terem participado nesta sessão. Este estudo, que foi feito com 3 tipos de grupos diferentes, ou seja, grupos com escuteiros, grupos sem envolvimento em associações ambientais e grupos mistos, ajuda a perceber melhor que vínculo têm os jovens com questões ambientais, quais os principais entraves que os jovens veem quando o assunto é ter ações a

favor do ambiente e a perceber se a integração em associações como o Corpo Nacional de Escutas ajuda na consciencialização e preservação ambiental.

Reforço os dados de contacto que podem utilizar caso deseje colocar uma dúvida, partilhar algum comentário, ou assinalar intenção de desistir do estudo: [pagaa@iscte-iul.pt](mailto:pagaa@iscte-iul.pt)

Mais uma vez refiro que, toda a informação recolhida será devidamente guardada no espaço nuvem do ISCTE e protegida por uma senha à qual só terá acesso a investigadora e a orientadora. Estes dados serão mantidos por 2 anos e depois serão destruídos.

Agradeço, novamente, a vossa participação.

## Anexo B – Dicionário de Códigos

Ação em Grupo	Preferência/facilidade pelo agir em grupo	“Mas também sou da opinião que, lá está, <b>fazer em grupo faz muito mais mocha, por exemplo, se forem, se forem 10 pessoas a andar de autocarro e a deixar o carro em casa, claro que faz muito mais mocha do que se for só eu a...</b> e mesmo a questão da, da motivação, tipo, no sentido em que estás a mostrar às outras pessoas que existe aqui um grupo de 10 pessoas que estão preocupados com o ambiente e se calhar podes-te juntar a... em vez de estares só a fazer a tua parte sozinho.”
Ação Individual	Preferência/facilidade pelo agir de forma individual	“Eu sinto que é isso do plástico <b>mas também sinto que o fator do plástico é uma coisa que é muito, é muito a ver com o cidadão e com o individual</b> ” “Eu acho que depende um bocado da, da ação que queiras fazer, por exemplo, a... no sentido de, por exemplo, cortar por cortar no consumo do plástico, isso é uma coisa mais pessoal não é propriamente uma coisa que tu faças em grupo”  “Eu acho que depende um bocado da, da ação que queiras fazer, por exemplo, a... no sentido de, <b>por exemplo, cortar por cortar no consumo do plástico, isso é uma coisa mais pessoal não é propriamente uma coisa que tu faças em grupo</b> ”
Ações pró ambientais	Exemplos concretos de ações positivas, que os entrevistados refiram, relativamente ao ambiente	“ <b>lutar contra as explorações de lítio</b> que se fazem em alguns sítios”  “eu <b>evito a carne</b> ao máximo”  “ <b>desligar a torneira</b> enquanto lavo os dentes, <b>separar o lixo</b> ”
Ambiente no Escutismo	Associações feitas entre o Escutismo e o meio ambiente	“lembrando-me de algumas práticas que já me disseram <b>também tem essa questão do respeito pela natureza</b> ”  “ <b>alargamento dos passes por exemplo a mais cidades</b> ”
Aspetos positivos	Melhoramentos levados a cabo por Portugal de forma a diminuir a poluição do país	“nos <b>supermercados já não haver sacos</b> , nos <b>restaurantes já não haver nada descartável</b> a cena dos transportes cá em Lisboa é muito notório isto <b>dos transportes</b> ”  “ <b>Climáximo</b> ”
Associações	Nomes/referência a associações (ainda que não se lembrem do nome das mesmas) que visam a proteção do ambiente	“ <b>agora não me lembro do nome mas também havia uma associação de jovens e eu acho que era em Setúbal</b> mas agora não me lembro do nome <b>que também tinha a ver com o ambiente</b> ”
Associativismo	Opinião dos entrevistados relativamente ao associativismo ou sobre pertencer a alguma organização/movimento associado à proteção ambiental	“ <b>o associativismo acho que acaba por ser um bónus</b> para além da... um bónus em termos de impacto para além da, da ação que já nos devemos e que já nos esforçamos em termos de pronto aqui do grupo”  “se eu tivesse inserida <b>numa organização, apoiada, tivesse companhia, acho que teria muito mais a par destas, destas coisas e haveria de me incentivar e ter iniciativa</b> para, para estes projetos”
Assuntos não debatidos	Assuntos que os entrevistados sentiram que deveriam ter sido debatidos nas entrevistas	“ <b>questões sociais</b> ”
Conhecimento do Escutismo	Conhecimento dos não escuteiros relativamente ao Escutismo (ainda que nulo)	“Eu pessoalmente <b>não conheço</b> eu sei dos escuteiros assim por alto mas não não conheço <b>não sei o que eles fazem em concreto nem sei o impacto que eles têm neste tipo de iniciativas</b> ”  “ <b>não tenho muita informação sobre isto</b> ”
Conhecimento em relação à problemática	Consciência dos entrevistados para a problemática através de exemplos mais complexos a que fazem referência. Importância que dão ao conhecimento sobre o tema	“ <b>o encerramento de refinarias</b> e de coisas em Portugal com montes de trabalhadores que até foram despedidos”  “ <b>uma das maiores indústrias que tem uma grande transmissibilidade de óxido de carbono é a indústria da carne</b> ”

		"acho que para além das ações é bastante importante consciencializar os outros quando é preciso e... e marcar as nossas posições"
Consciencialização	Opinião relativamente a consciencializar/ser consciencializado. Importância de consciencializar, no geral	"eu sei que agindo todos em grupo as coisas têm muito mais impacto mas também acho que se as pessoas efetivamente por si só não quiserem mudar não vão mudar mesmo que sejam mais mil pessoas a dizer para mudarem e tipo é óbvio que ajuda se houver um grupo que apoia"
Consciencialização (Esfera Privada)	Exemplos positivos, concretos e pessoais de ações em que a consciencialização funcionou com os entrevistados numa esfera pessoal, principalmente na mesma casa ou entre familiares	"como eu reduzo o consumo de carne tento incutir isso em casa porque agora estou a viver fora então eles acabam por quando eu não estou comerem mais carne para depois quando eu vou (riso) não comerem"
Consciencialização (Esfera Pública)	Exemplos positivos, concretos e pessoais de ações em que a consciencialização funcionou com os entrevistados numa esfera pública	"já foram organizadas algumas manifestações lá, nomeadamente acerca da transição justa para energias renováveis respeitando os trabalhadores"  "houve uma vez que eu fui a... plantar árvores no Dia da Árvore, aliás mais do que uma vez já fui vários anos"
Consciencialização para o ambiente - Escutismo	Exemplos positivos de ações em que a consciencialização funciona no Escutismo	"Então eu acho que sim claramente sim porque nós temos, nós temos uma voz também bastante ativa na sociedade pelo menos eu vejo nas nossas comunidades na minha comunidade onde eu estou neste caso onde está a minha sede"
Dificuldades para ser pró-ambiental	O que não permite aos entrevistados agirem de forma pró-ambiental (quer seja a nível prático ou a nível de costumes/pensamento)	"Uma pessoa que é pobre muito mais facilmente vai comprar uma embalagem de carne que é muito mais barata mas que está enrolada em plástico do que vai ao mercado biológico onde os animais... cujos animais foram bem tratados e não tem plástico nenhum que é muito mais caro"  "por um lado é mau porque talvez sejamos um bocadinho mais descredibilizados porque pensam que (ironia) "ah tu não sabes o que dizes, és novo, o que é que tu sabes da vida?" pronto, coisas assim..."
Dificuldades por ser Jovem	Dificuldades sentidas pelo entrevistados pelo facto de serem jovens	"é muito angustiante estarmos a lutar contra tanto dano que já foi feito antes de nós nascermos, não é, e para além dos danos objetivos das estruturas que foram criadas muito antes de nós sermos sequer pessoas por isso não sei... sinto que a nossa geração tem um bocadinho esse peso para carregar de tentar resolver um bocadinho pronto, o que for possível resolver depois de tanta... tanta coisa má"  "já dizer a mesma coisa sei da viagem que ela fez a mas para além da viagem não sei de mais nada"
Greta	Conhecimento e opiniões relativos à Greta Thunberg e às ações a que está associada	"o movimento Fridays For Future começou com ela sozinha a... sentada ou assim à frente do Parlamento com um cartaz e depois tenho ideia que começou a sensibilizar mais pessoas até ao ponto em que chegou hoje e... não sei acho que é, é importante ver, ver esse, esse movimento de massas que ela conseguiu ao ponto de agora e diz discursar em espaços como a ONU penso eu"
Não sabem quem é a Greta		"Não"
Sabem quem é a Greta		"Sim"
Outras iniciativas	Ideias de iniciativas que pudessem ajudar na consciencialização/ a reduzir os impactos das alterações climáticas	"que as pessoas por exemplo como acontece em Lisboa que os estudantes pagam só 30€ para andar no distrito todo de Lisboa, na área metropolitana eu acho por exemplo uma petição podia ser giro, giro e importante"
Outros Assuntos de Destaque	Assuntos que são importantes abordar, mas que não aparecem de forma regular nas entrevistas	"eu sou muçulmana e faz parte da... da minha religião ser... ter em conta sempre a moderação na vida, moderação em termos de consumo, moderação na água por isso nós implementamos muito isto quando, pronto, na nossa vida e na nossa cultura"  "responsabilidade de tentar atenuar um pouco os efeitos disto é das grandes empresas, de... de quem está ao poder"
Papel das grandes empresas e Governos	Quando os entrevistados focam as medias ou a falta delas nas empresas/governos. Quando atribuem às empresas/governos um papel positivo ou negativo relativamente a assuntos relacionados com o ambiente.	"não há grandes incentivos para mudar os impactos que estas indústrias têm, os transportes são miseráveis e há zonas do país que ainda estão mais desprovidas de transportes"

		<p>“nós enquanto jovens temos muito mais informação e somos muito mais conscientes dos problemas ambientais que estão a surgir dos <b>atos irrefletidos que as gerações anteriores tiveram</b>”</p>
Papel das outras gerações	Perceção dos jovens de hoje em relação às gerações mais antigas e ao seu papel nas alterações climáticas	<p>“eu até acho que houve já gerações de jovens e outras <b>gerações anteriores a nós que lutaram pelo ambiente</b> e que lutaram pela sua defesa e isso sei lá nos anos 80 nos anos 90 também foi uma grande luta da Juventude não só pela paz mas pela defesa do ambiente, contra a guerra, pelo mundo mais justo etc e acho que continua a ser assim”</p> <hr/> <p>“é vantajoso porque, porque <b>somos nós que podemos mudar o que vem aí para a frente</b>”</p>
Papel dos Jovens	Mudança que pode ser feita pela mão dos jovens e que, por essa razão, é diferente de ser feita por outras gerações	<p>“<b>acho positivo sermos nós neste momento a criar essa mudança porque também temos muito mais informação</b> e algo que não existia antigamente era informação ou seja e também se calhar por causa disso é que as coisas chegaram aqui a este ponto onde temos que fazer mudanças rapidamente para as coisas se quisermos agora poderem mudar portanto acho que é por aí”</p> <hr/> <p>“Ao início foi mais <b>por uma brincadeira entre amigas</b> que começou, que basicamente foi “olha vamos reduzir agora a carne durante uma semana em vez de comermos quase todos os dias vamos comer tipo uma ou 2 vezes por semana” e é assim eu gostei, a outra pessoa que também fez gostou e depois <b>começamos tipo cada vez a reduzir mais e houve uma altura que paramos completamente</b>”</p> <hr/> <p>“ir ao supermercado levar o nosso próprio saco, <b>mas acho que é um bocado a minha família sempre me fez fazer esse tipo de coisas</b>”</p> <hr/> <p>“<b>são aquelas coisas muito básicas</b> mas acho que é um bocadinho os pequenos passos que se podem fazer mais micros”</p>
Papel dos pares e família	Influência dos pares/família nas escolhas dos entrevistados e vice-versa	<p>“senti grande impacto <b>porque comecei-me a preocupar com outros assuntos que se calhar na altura não me preocupava</b> antes disso”</p> <hr/> <p>“<b>há pessoas que têm mais cuidado, muito mais cuidado que eu</b> mas eu acho que até como até já foi dito ao longo dos últimos anos eu acho que fui... fui ficando mais consciente e procurando ter mais cuidado”</p> <hr/> <p>“<b>O aquecimento Global</b>”</p> <p>“<b>apoio emocional</b> dos jovens”</p> <hr/> <p>“querem manter os jovens cá [em Portugal] mas depois como é que nós ficamos cá <b>se não temos as oportunidades para isso</b>”</p> <hr/> <p>“<b>plantar eucaliptos pelo nosso território inteiro</b> e virmos a Coimbra, por exemplo, e estarmos cheios de eucaliptos por tudo o que é sítio e isso depois também <b>promove os incêndios</b>”</p> <hr/> <p>“lutar contra as <b>explorações de lítio</b> que se fazem em alguns sítios”</p> <hr/> <p>“a natureza para mim, pelo menos para mim <b>não dá para sequer descrever</b>”</p> <p>“a natureza para mim <b>é o meu porto seguro</b>”</p> <hr/> <p>“Sim sem dúvida até <b>porque uma coisa é a teoria e outra coisa é estar mesmo em contato e ver toda a diversidade</b> e... e todas as diferenças que existem e apesar de cada vez mais se apostar em espaços verdes acho que ter esse tempinho para, para acampar, para ir à praia para dar um passeio na natureza faz toda a diferença.”</p> <hr/> <p>“pronto falando de <b>escuteiros católicos</b> acho que acaba por ser um bocadinho uma parte... uma parte não tão principal do movimento”</p> <hr/> <p>“<b>ansiosos sem perspetiva de futuro</b>”</p> <p>“<b>deixa-me um bocado angustiada</b> essa cena de... de estar tudo muito virado para si nesta questão e em muitas outras”</p> <hr/> <p>“tenho alguma <b>esperança</b>”</p>
Perceção das próprias ações	Ideia que os entrevistados têm relativamente àquilo que fazem no referente às alterações climáticas	
Preocupações dos Jovens	Preocupações que os jovens sentem, no geral	
Problemas em Portugal	Falhas que existem em Portugal relativamente às alterações climáticas	
Relação com a natureza	Descrição/relação com a natureza	
Relação entre contacto com a natureza e comportamentos pró-ambientais	Se o facto de terem relação com a natureza faz com que sejam mais pró-ambientais	
Religião no Escutismo	Relação entre Escutismo e a religião	
Sentimentos em relação às mudanças climáticas		